

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Lisa Minelli Feital

**CONSTRUINDO IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL
NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA UMEI - MARIQUINHAS**

**Belo Horizonte
2010**

Lisa Minelli Feital

**CONSTRUINDO IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL
NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA UMEI - MARIQUINHAS**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil

Orientadora: Isabel de Oliveira e Silva

Belo Horizonte

2010

Lisa Minelli Feital

**CONSTRUINDO IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL
NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA UMEI - MARIQUINHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação Infantil pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Isabel de Oliveira e Silva

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Isabel de Oliveira Silva – Faculdade de Educação da UFMG

Iza Rodrigues da Luz – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico a Deus e às minhas mães, Clélia e Alda. À minha filha Paulinha e meu marido Paulo. À Isabel, minha orientadora. Aos amigos: Marilene, Maris, Marquinhos, Aninha, Elza, Maria das Graças de Castro Bregunci, Cibele, Sofia, Janaina e Juninho, Michele, Denyse, Glauce, Lúcia, as crianças e a todas as amigas que estiveram ao meu lado, ao longo deste período de aprendizagem.

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu oportunidade e forças para concluir mais esta etapa da minha vida.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, participaram da realização desta jornada.

Embora não tenha sido fácil, também não se tornou impossível, pois por onde andei encontrei pessoas que me ajudaram.

À Professora e Orientadora Isabel de Oliveira e Silva, que me orientou, e esclareceu, da maneira mais simples e objetiva, todas as minhas dúvidas. Com grande sensibilidade e apoio, participou de momentos importantes do projeto por mim desenvolvido. A ela, os meus mais sinceros agradecimentos!

À Professora Maria das Graças Bregunci, que se tornou minha madrinha, com carinho, atenção e incentivo, sempre ao meu lado nos momentos de dúvidas e receios, preocupando-se com meu aprendizado. Tenho certeza de que fiz uma grande Amiga. Gracinha, muito obrigada por tudo.

Ao Professor Claudio Emanuel dos Santos, que, com simplicidade, aceitou, de imediato, participar do projeto étnico-racial na UMEI - *Mariquinhas*, proporcionando-nos momentos de reflexão e lazer através da música e de seu contagiante tambor. O programa Ações Afirmativas do projeto *Negras imagens em Movimento*, em nossa Umei, vem contribuindo de forma significativa na aprendizagem dos Educadores.

Ao entrevistado, Sr. Paulo Versiani de Castro, que contribuiu para a realização deste estudo, através de seus expressivos relatos. Agradeço, carinhosamente, pelo tempo dedicado a este trabalho.

Ao Professor de Dança Afro, Carlos, e a seus alunos.

Às queridas amigas que não deixaram que eu desistisse nem esmorecesse em nenhum momento, pelos cafés da manhã/tarde e almoços/sobremesa, muito obrigada:

- Cleo, que gosta de ser chamada pelo apelido. Mulher de fibra, caráter inabalável, dedicação e carinho, obrigada por me deixar conhecê-la melhor e fazer parte de seu círculo de amizades;
- Fabiana Xavier, pela sua disciplina nas horas de nos encontrarmos para desenvolvermos as atividades e a monografia. Obrigada, sargento!
- Luciana, amiga preocupada, dedicada, de um coração do tamanho do MUNDO, muito obrigada pelas caronas e apoio.

Meninas! Aprendi muito com vocês - não somente a compartilhar alimentos, mas amizade e conhecimento.

Ao Arthur, que, em todos os momentos, fez parte do nosso trabalho com seus choros, alegrias e brincadeiras, muito obrigada!

Às queridas amigas que me deram força e que, mesmo sem tempo para lhes dar atenção, estiveram sempre ao meu lado: Arlete, Denyse Maria de Rosa, Melo e Maria Aparecida Martins (Cidoca)

Às minhas diretoras:

- Carla Andréia, agradeço a você pela contribuição do dia a dia, por ter apostado em minhas ideias, entendido e concretizado. Obrigada pelo tempo e pela dedicação e por “ter mergulhado de cabeça” em nosso seminário sobre a História do Negro.
- Guilhermina Auxiliadora Pinto da Cruz, obrigada! Obrigada a toda equipe da UMEI-Mariquinhas - Rosilene, Rosana, Ana Paula, Sirlene, Amilton, Sr. Gerson, Tiana, Silvana, Dona Sônia, Heveline, inesquecível Estelinha e as crianças de cinco anos.

Declaração dos Direitos Essenciais da Criança Negra na Escola

Toda criança negra tem o direito de encontrar na escola um espaço prazeroso de informação, formação e socialização, onde ela possa construir positivamente sua identidade e orgulhar-se dela.

Fica garantido à criança negra o direito de viver e conviver em igualdade de condições com todas as etnias, vendo a história de seu povo também sendo contada, sua cultura valorizada, e reconhecidos os reais legados de seus ancestrais africanos para todo o povo brasileiro.

Fica decretado que toda criança negra terá garantido o seu sucesso escolar por que todo educador, em sua formação profissional, deverá ser preparado para lidar com os conteúdos necessários ao conhecimento histórico e cultural do povo negro, fazendo também uma autoanálise e autocrítica sobre os valores e conceitos que ele traz introjetados, sobre esta cultura e seu povo.

Fica garantida a todas as crianças negras a alegria de ver sua imagem representada nos livros e textos didáticos, nos cartazes e murais da escola. Fica decretada a visibilidade de negros e negras nas festas e cerimônias cívicas dentro do ambiente escolar.

A criança negra tem o direito de ser respeitada em sua dignidade humana. Fica proibida a veiculação de textos na escola, contendo preceitos e estereótipos que possam inferiorizar o povo negro. Ficam valendo apenas aqueles que levem todos os alunos a desenvolverem atitudes democráticas e de respeito às diferenças reconhecendo e valorizando a diversidade étnico-cultural brasileira.

Ficam estabelecidos o fim do silêncio que tem envolvido a questão racial na escola; do etnocentrismo tendo como base as culturas europeias; o fazer pedagógico desvinculado da realidade do aluno, sem levar em conta os documentos pedagógicos e políticos voltados para as classes populares.

Portanto, fica decretado que se criem possibilidades a todas as crianças negras de construírem-se cidadãos plenas, interagindo em sua realidade, sendo capazes de transformá-la, revertendo sua situação de exclusão, modificando significativamente as estratégias negativas quanto a seu sucesso escolar.

Rosa Margarida de Carvalho Rocha

RESUMO

Este estudo se configura como um plano de ação desenvolvido em uma Unidade de Educação Infantil - UMEI Mariquinhas - da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A temática é centrada na construção da identidade étnico-racial na educação infantil, por se entender que esta complexa questão necessita ser precocemente abordada, educada e reeducada na formação de crianças e adultos. Nesse sentido, a produção deste estudo propicia interseções não apenas com a educação em geral, como também com a história e a educação pessoal da autora, também educadora infantil.

Vários movimentos de lutas sociais permitiram avanços nas questões raciais tão impregnadas em nossa sociedade, de forma sutil, silenciosa e perversa. As Leis 10.639/03 e 11.645/08 foram implantadas para garantir, em nosso currículo escolar, a inclusão e o estudo de culturas africanas e indígenas, entre outras de nosso espectro de diversidade étnico-cultural. Essas novas abordagens passam a valorizar estudos críticos que partam do conhecimento do continente Africano, com o resgate de fatos que nos apresentem as realidades por outro ângulo - por exemplo, a história da realeza na África.

Muitos dos negros que foram reis e rainhas foram trazidos para o Brasil para serem escravos, onde foram submetidos a situações desumanas. Depois de séculos estamos conquistando o nosso espaço, através de lutas e movimentos sociais. Apesar de não ser ainda o ideal e nem o desejado, muito já avançamos e mais ainda precisamos avançar, sem deixarmos nos abater por críticas em relação às conquistas das lutas dos movimentos negros. Temos que ficar atentos para não incluir a história dos negros somente em datas específicas, mas criar contextos para apresentar a história da África e dos negros em nossas aulas, inserindo-as na vida da comunidade e em suas múltiplas expressões de cultura. Em outras palavras, é preciso vencer as barreiras e dificuldades para falar, cantar e contar a história do negro no Brasil, permitindo a construção da autoestima e da identidade étnico-racial de nossas crianças e dos educadores infantis comprometidos com sua plena formação.

Palavras-chave: Infância; Negro; Educação; Identidade étnico-racial; Construção da autoestima.

ABSTRACT

This study is configured as an action plan developed in a Childhood Education Unit - UMEI Mariquinhas - of Belo Horizonte Municipal Education Network.

The theme is centered on the construction of the ethnic-racial identity in childhood education based on an understanding that this complex issue needs to be addressed, taught and retaught at an early stage in the formation of children and adults. In that sense, this study provides not only intersections with education in general, but also with the history and personal education of the author, who is also an educator of children.

Several movements of social struggles led to advances in racial issues so steeped in our society in a subtle, quiet, and perverse way. The Laws 10.639/03 and 11.645/08 were passed so as to ensure that our school curriculum would include the study of African and Indigenous cultures, among others present in our ethnic and cultural diversity spectrum. These new approaches were a step forward towards valuing critical studies departing from the knowledge on the African continent, with the recovery of facts that can show the realities from a different standpoint, for instance, the Royalty history in Africa.

Many of the blacks who were kings and queens were brought to Brazil to be slaves, where they were subjected to inhumane situations. After centuries we are conquering our space, through struggles and social movements. Although we still have not reached the ideal or desired position, a lot of progress has been made. But we need to keep on moving forward without being bogged down by criticism regarding the achievements of the black movements. We must be careful so as not to include the history of the blacks only on specific dates, by creating contexts to present the history of Africa and blacks in our classes, to embed it in community life as well as in a number of cultural expressions. In other words, it is necessary to overcome the barriers and difficulties in speaking, singing and telling the history of the Negroes in Brazil, thus allowing the construction of self-esteem and ethnic-racial identity not only for our children but also for educators of children engaged in their full formation.

Key-words: Childhood; Negro; Education; Ethnic-racial identity; Construction of self-esteem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. EDUCAÇÃO INFANTIL	15
2.1. Leis e questões étnico-raciais.....	15
2.2. UMEI-Mariquinhas: história da Vila e da Escola.....	16
2.3. O negro e suas raízes	24
2.4. Etnia, raça e identidade	26
3. CONSTRUINDO AUTOESTIMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	30
3.1. Quem sou eu?	30
3.2. Trabalhando as diferenças	32
3.3. Sou África, sou Brasil, sou afro-brasileiro	35
3.4. Momentos de contação de história.....	40
3.5. Seminário: O encontro com a essência	43
3.6. Participação das crianças e repercussões.....	51
.	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE	57
Apêndice 1 - Autorizações.....	57
Apêndice 2 – Projetos.....	80
Apêndice 3 – Mensagem de Paulo Freire.....	88
Apêndice 4 – Literatura Infantil.....	95
Apêndice 5 – Convite do Seminário “A História do Negro”.....	97
Apêndice 6 -Almanaque – Cabelo, Pele, Unha.....	99
Apêndice 7 – Bonecas Negras	100

1- INTRODUÇÃO

*Negro sem emprego fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
... Negro é uma cor de respeito.*

Iniciei minha carreira na Educação Infantil pela Prefeitura de Belo Horizonte no ano de 2005, com formação acadêmica em nível superior com Licenciatura Plena em História. Esta mudança de área de atuação representou um grande desafio na minha carreira profissional.

Na década de 1980, em minha infância, sofri preconceito racial da Professora Bernadete, que lecionava na primeira série do ensino fundamental, da Escola Municipal Monsenhor João de Oliveira, no bairro São Geraldo. Não escondia seu desafeto pelo negro, apresentando comportamentos e atitudes racistas para comigo e meus colegas negros (Juarez e Elisabeth). Por esse motivo e outros, fui reprovada na 1ª série - fato que desencadeou em mim um processo de baixa estima, passando a acreditar que não conseguiria aprender e não daria conta de concluir os estudos.

A minha família foi fundamental, pois nunca deixaram que eu parasse de estudar. Posteriormente, a convivência com meus primos, que sempre estudaram em escola particular - em especial, a minha prima Maricélia, que se formou em jornalismo - constituiu uma referência em minha vida acadêmica. Passei a me espelhar em meus primos em relação à vida e aos estudos, apesar de todas as minhas dificuldades - que julgava ter - em relação à aprendizagem.

Nesse período da história da educação em Belo Horizonte, existiam poucas escolas públicas de educação infantil e, nelas, a questão da identidade étnico-racial não era trabalhada, às vezes por falta de interesse, mas também por dúvidas - geradas por falta de conhecimentos e de informações sobre como trabalhar as diferenças étnico-raciais. A situação nos dias de hoje não mudou; muitos professores não sabem abordar em suas práticas pedagógicas assuntos relacionados a questões étnico-raciais; também não sabem como obter informações e atividades para se desenvolver com os alunos, criando uma dificuldade a mais para se trabalhar.

A história do negro no Brasil nos apresenta um quadro triste em relação ao seu desenvolvimento socioeconômico, cultural e educacional, mantendo-o à margem

da sociedade até o presente momento de nossa história. No entanto, nos dias atuais, já encontramos negros que, através dos movimentos de lutas raciais, estão conseguindo o seu devido valor, embora ainda não seja o ideal e nem o desejado - e muito menos o suficiente. Esta situação justifica a luta por igualdade e valorização da sua identidade pessoal, social, econômica e cultural em nosso país.

Na abordagem do tema deste trabalho, *Construindo a identidade étnico-racial na UMEI – Mariquinha*, foram trabalhadas questões da valorização do negro e da autoestima com as crianças, com os profissionais da educação infantil e com a comunidade escolar. A temática se desdobrou em questões centrais à valorização da autoestima de crianças, profissionais da educação infantil e comunidade escolar, enfatizando conceitos e processos relacionados à identidade, beleza e valorização do negro.

Este trabalho se configura, portanto, como um plano de ação, desenvolvido na UMEI – *Mariquinhas*, na qual estou inserida como educadora infantil. A temática abordada permite a convergência de motivações subjetivas, coladas à minha origem afrodescendente, às minhas experiências pessoais e profissionais, aliadas às intenções objetivas de oferecer algum retorno ao projeto institucional da referida escola.

Desenvolvi, no plano de ação, projetos que apresentam e estimulam a valorização da beleza e da identidade étnico-racial: leituras, comidas, passeios, brincadeiras e danças típicas. A minha intenção foi a de tocar no íntimo de cada um que participou deste projeto e de ultrapassar fronteiras em nossa maneira de ver o outro e a nós mesmos, de forma a criar raízes fortes, tanto para as crianças, quanto para os envolvidos nesta ação, para que ela não seja apenas um evento cultural a mais em nosso planejamento escolar.

A abordagem do tema foi realizada por meio de investigação qualitativa, com as crianças da turma de cinco anos, com os profissionais e com a comunidade escolar, sempre visando à conscientização deste grupo em relação à valorização e ao respeito de nossa identidade.

A ênfase interacionista simbólica na compreensão da forma como um conjunto de pessoas, numa determinada situação, dá sentido ao que lhes está a acontecer, encoraja uma compreensão empática dos diferentes pontos de vista. O foco do investigador qualitativo em como as coisas são na realidade oferece uma oportunidade para fazer emergir pontos de vista

dísparos e habitualmente desconhecidos. (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p.291).

Desenvolver um projeto de pesquisa dentro da abordagem qualitativa permite ao investigador observar, coletar, descrever, interpretar e analisar os dados. Atuando no cargo de Educadora Infantil no Município de Belo Horizonte, dentro da UMEI – *Mariquinhas*, considerei relevante essa perspectiva metodológica, para que pudesse proporcionar maior aproximação, interação e qualificação aos educadores, conscientização da valorização da construção da identidade do negro na educação infantil, investindo em um atendimento de qualidade às crianças.

Na abordagem adotada, o trabalho proporcionou uma aproximação maior entre as educadoras Cleonice, Fabiana, Lisa e Luciana. Desenvolvemos afetividade e compromisso com produções referentes a disciplinas do curso de especialização da Universidade Federal de Minas Gerais, pois a nossa unidade foi privilegiada com a participação de quatro educadoras e um educador nesta formação continuada, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Esse fato contribuiu para a construção de projetos de pesquisas articulados e sintonizados com os objetivos de contemplar o desenvolvimento cognitivo, afetivo, sociocultural e a socialização de nossas crianças.

Cada educadora pesquisou temas diferentes. Compartilhamos momentos de dificuldades e aflições; porém, o fato de estarmos na mesma UMEI nos proporcionou trocas de ideias, leituras, dúvidas e propostas.

A intenção do trabalho era envolver tanto as crianças como o corpo docente nas atividades étnico-raciais. Inicialmente, essa intenção começou com o grupo que participa do curso do LASEB e, posteriormente, se estendeu aos demais docentes. Em tal processo, foi fundamental a participação do professor Claudio Emanuel dos Santos¹, professor do Centro Pedagógico da UFMG e pesquisador do projeto *Imagens Negras em Movimentos*, do programa Ações Afirmativas da UFMG.

“Nosso” projeto tem envolvido todo o corpo docente. Os encontros estão ocorrendo nas reuniões pedagógicas, em datas já programadas no calendário escolar, e suas oficinas instrumentalizam o trabalho com questões étnico-raciais na educação infantil na UMEI – *Mariquinhas*. Assim, a participação do professor

¹ Todos os participantes citados no decorrer deste trabalho assinaram o termo de consentimento, cuidados éticos com as crianças e colegas envolvidos.

Cláudio muito acrescentou ao conhecimento e às práticas dos educadores desta UMEI, através de suas oficinas.

A propósito dessas atividades, a professora Edna Lopes disse que sempre quis participar de estudos nesta área, porém nunca lhe fora oferecido um devido suporte. Declara estar gostando muito das orientações e sugestões do professor. Constatase, em seu depoimento, o entusiasmo em participar desses momentos que enriquecem a prática pedagógica.



Figura 1: Cleo, Fabiana e Luciana

2- EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1- Leis e questões étnico-raciais

A Constituição Brasileira de 1988 representa um marco no campo social. A partir da década de 90, inicia-se a repercussão dos movimentos dos excluídos no Brasil (negros, mulheres, crianças, homossexuais e indígenas).

Em 1990 cria-se a Lei nº 8.069, de 13 de julho, passando a contemplar os direitos e os deveres no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), continuando a se estender para a educação, com objetivo de atender à criança de zero a seis anos. Essa conquista se consolida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996 - Lei nº 9.394, no Título III, Art. 4º do inciso VI. A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, altera a Lei nº 9.394/96, amplia a Lei nº 10.639, de nove de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

“Essa lei é uma medida de ação afirmativa. Ela é fruto da ação histórica do Movimento Negro e sua pressão sobre o Estado”. (GOMES, 2008)

Apesar da relevância dessa conquista, a lei nº 11.645/08 não contempla a Educação Infantil.

Ao longo desse período de conquistas formais na legislação, fortalece-se o movimento de luta dos negros em nosso país. Os educadores têm novos caminhos para trilhar em relação à valorização da identidade dos negros, procurando mostrar para os alunos que o Brasil é composto por diferenças e grande diversidade étnica e cultural. Com a consolidação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), estudiosos, autores e editoras procuram adequar os livros didáticos a obras sintonizadas com esse novo contexto e com os princípios da diversidade e da inclusão.

Na escola pública, o contingente de crianças negras é prevalente. Na UMEI – *Mariquinhas* a situação não é diferente, pois ela está localizada próxima à Vila Mariquinhas – região norte de Venda Nova, onde a maior parte da população que constitui a comunidade é negra e carente.

Acredito que o desenvolvimento deste plano de ação sobre o tema proposto pode acrescentar muito à Educação Infantil de Belo Horizonte, apontando algumas

direções sobre o trabalho educativo em torno de questões étnico-raciais com crianças de zero a cinco anos e oito meses. O foco do meu trabalho se dirige às crianças de cinco anos, pois acredito que são elas a base para a construção e a socialização de uma cidadania sem preconceitos, com significado na construção de sua própria identidade.

É importante destacar que a garantia legal dos direitos não promove sua concretização. São as atitudes efetivas e intencionais que irão demonstrar o compromisso com tais direitos. Reconhecer as diferenças é um passo fundamental para a promoção da igualdade, sem a qual a diferença poderá vir a se transformar em desigualdade (SANTANA, 2006. p.30).

2.2 – UMEI – *Mariquinhas*: história da Vila e da Escola

Considero uma tarefa difícil falar sobre a história da UMEI – *Mariquinhas*, pois, inicialmente, nunca me apropriei de algum documento para me informar sobre sua origem e consolidação como instituição de educação infantil. A partir deste trabalho, torna-se importante ir além das fronteiras da UMEI e investigar como apareceu a creche comunitária, que inicialmente foi UEI (Unidade de Educação Infantil), depois UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil). De acordo com o líder comunitário da Vila Mariquinhas, Paulo Sérgio Versiani de Castro, foi um longo e penoso caminho, aproximadamente dezoito anos de conquista da educação infantil para essa comunidade, cujos moradores e também os do bairro Juliana e de bairros vizinhos foram auxiliados.

A história da UMEI – *Mariquinhas* é indissociável da história da Vila Mariquinhas. Com o propósito de resgatar e respeitar a conquista desta comunidade, documentos foram buscados, além das informações fornecidas pelo já mencionado líder comunitário, Paulo Sérgio Versiani de Castro.



Figura 2
Líder Comunitário: Paulo Sérgio Castro Versiani

Em 1991, os grupos dos sem casas queriam montar barracas de lona, de um lado e do outro da Av. João Pinheiro. No entanto, quando os manifestantes estavam caminhando para chegar ao propósito da ocupação dos passeios, foram surpreendidos pelos policiais. Como ficaram impedidos de acampar na avenida, decidiram acampar na Igreja São José, servindo esta como embaixada. Criou-se, então, um estado de sítio: os policiais só poderiam entrar com autorização do Padre. A partir deste momento, começaram a pressionar a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e a Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais (COHAB/MG).



Figura 3: Foto cedida por Paulo Versiani: Jornal Diário da Tarde.

A partir deste momento, a Prefeitura decidiu um destino provisório para as pessoas que faziam parte daquele movimento dos sem casas, enviando-as para a fazenda Marzagão, no município de Sabará, ocupando provisoriamente a área pelo tempo de uma gestação, nove meses. O governador de Minas, Sr. Newton Cardoso, decretou Função Social do Sítio da Piteira, atual Mariquinhas.



Figura 4; Foto: Paulo Versiani.

O nome Mariquinhas se popularizou, porque segundo registros da Companhia de Urbanização de Belo Horizonte, as irmãs solteiras continuaram morando no antigo sítio da Piteira. Mas, como eram senhoras mais velhas e idosas, viviam chamando a atenção das pessoas da região que invadiam sua propriedade e cortavam caminho em suas terras. Então elas foram apelidadas de Mariquinhas, dando origem ao nome desta comunidade que foi ali assentada.

(Trabalho de graduação do curso de Geografia das alunas Lucilia Teixeira Neres e Mércia Cristina Ribeiro Silva Miranda, 2006).

O líder comunitário levou os novos moradores para fazerem uma limpeza no terreno, antes da ocupação definitiva.

No terreno hoje ocupado pelo prédio da UMEI, foi construída pelos moradores uma enorme barraca de lona para reuniões, local que serviria para que as crianças estudassem, pois o banheiro público ficava no mesmo terreno.



Aula sob a lona

Os moradores do acampamento da Fazenda Mariquinhas, próximo ao bairro São Benedito, improvisaram uma escola para suas crianças — o Centro Educacional de Valorização do Menor. Coberta por uma lona, a escola funciona em uma mais precária condição (foto), mas, segundo a sua coordenadora Eva das Graças, esta é uma maneira digna de evitar que os meninos fiquem pelas ruas. (Página 15)

Figura 5: Foto cedida por Paulo Versiani (nota de Jornal)

A partir de uma organização dos participantes do movimento sem casas, formaram-se as comissões dentro do acampamento: creche, saúde, infraestrutura e segurança (interna). A comissão de creche ficou responsável em criar uma creche provisória, para que as crianças não ficassem na rua. As professoras que lecionavam eram voluntárias e uma apenas era formada em magistério.



Figura 6: Foto cedida por Paulo Versiani (Reunião da comunidade)

Em 1993, o prefeito Patrus Ananias mandou urbanizar a área e indicou a Diretora do Departamento Norte da Educação Laura Kalil e o Administrador regional Geraldo Afonso Herzog para integrarem a comunidade Vila Mariquinhas no Projeto “Adote um Pré”². Neste ano, chegou à primeira professora concursada, paga pela instituição.

² De acordo com o Relatório da Gestão 89-92/SMED, o referido Projeto “estabelece que cada escola Municipal adote um pré-escolar da Creche comunitária ou de outra instituição não governamental sem fins lucrativos, localizada nas suas imediações. Esta 'adoção' significa que professores municipais lotados nas escolas municipais prestem serviços nas instituições 'adotadas' e, ainda, a orientação pedagógica fica a cargo da equipe da Escola Municipal “. (SMED, 1992, p.26). Somente em 1992, o projeto começa a ser implementado. (Relatório Final de Avaliação do Projeto *Adote uma Creche*, IRHJP, 1994, p. 8). Nos documentos da SMED, esse projeto é denominado de formas diversas, por vezes *Adote uma creche*, por outras *Adote um pré escolar* ou simplesmente *Adote*.



Figura 7: Foto: Paulo Versiani. (Urbanização de uma das ruas da Vila Mariquinhas)

A Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte – URBEL – construiu galpões para guardar materiais de construção para as famílias. O prefeito Patrus mandou liberar até R\$ 1000,00 para a construção e também acompanhamento técnico.

Em 1996, Célio de Castro, novo prefeito de Belo Horizonte, convidou sua Exa. Esposa Maria das Graças da Matta Castro para ser presidente da Associação Municipal de Assistência Social (AMAS), construindo creches com leilões de carros que eram doados para a Prefeitura. A creche Mariquinhas, que era de madeira, passou a ser de alvenaria. A comunidade da Vila Mariquinhas pediu uma escola infantil e a AMAS atendeu ao pedido dos moradores, surgindo a Unidade de Educação Infantil (UEI). Os funcionários que trabalhavam na UEI eram funcionários pagos pela AMAS. A construção se deu com a ajuda dos moradores, que ganhavam uma cesta básica do Banco Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), Instituto de Desenvolvimento Cidadania de Minas Gerais e Associação dos Funcionários (INDEX).

Como a AMAS estava para ser extinta, a comunidade, mais uma vez, procurou os órgãos competentes, pedindo a municipalização da escolinha. “Esta municipalização foi no ano de 2005, com a transição de Unidade de Educação Infantil (UEI) para Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI).” (Paulo Versiani, Líder Comunitário).

A UMEI - *Mariquinhas* é composta, atualmente, de um quadro de funcionários públicos efetivos pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH): educadores (as), vice-diretora (Professora P1) e de servidores terceirizados pela Caixa Escolar. A referida unidade tem 205 crianças, 31 educadores (as) e 13 funcionários de serviços gerais pagos pela Caixa Escolar.



Figura 8: Foto da Unidade Municipal de Educação Infantil - Mariquinhas

A estrutura física da UMEI - *Mariquinhas* é adequada: um local amplo, com uma extensa área verde, apesar de não ser o novo modelo de UMEI projetado para a rede municipal. Nas partes cimentadas ficam os brinquedos de plástico, alguns fornecidos pela PBH, outros comprados pela Direção da escola. Neste ambiente, nós, educadores (as), proporcionamos momentos de socialização às crianças, para que possam desfrutar da melhor forma as dimensões lúdicas. Para esse momento de brincar, foi criado pela coordenação um horário para cada turma poder utilizar o parquinho.

A escola se organiza em dois turnos (7h às 11h30min e 13h às 17h30min). Há crianças que ficam no horário integral - que são os alunos do berçário, de um ano e dois anos - sendo proporcionada, durante todo o período, uma alimentação de boa qualidade (lanche, frutas, almoço e suco), além de banho para as crianças do integral.

A UMEI - *Mariquinhas* procura pautar seu projeto pelas diretrizes do Referencial Curricular da Educação Infantil (BRASIL, MEC, 1998).

2.3 – O Negro e suas raízes

*Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
Negro é... a solução
Negro que já foi escravo*

Como falar sobre o negro sem conhecer realmente sua/minha história? De onde veio? O que aconteceu? Qual a minha origem, minhas raízes? Observo, em algumas conversas, que as pessoas dizem: *sou descendente de português ou italiano* - e nunca ouço alguém dizer *que é descendente de africano*.

A partir dessas indagações, pergunto-me como trabalhar com essas questões com alunos, comunidade escolar, colegas de trabalho, ou mesmo em uma conversa informal com os amigos, sentindo-me, ainda, desprovida de conhecimentos bem fundamentados sobre o tema.

O que sabemos sobre a África? E sobre o negro brasileiro, suas histórias, suas lutas e conquistas? É forte ainda a presença de imagens estereotipadas e opiniões coladas no senso comum. As pessoas leem pouco sobre o tema e repetem várias distorções do assunto realizadas pela mídia brasileira. Essa postura não deveria ser adotada pelos educadores e educadoras (GOMES, 2008).

Para iniciar o conhecimento de fatos da história do negro, começo pelo continente da África – pois é essencial entender que continente da África e o país África do Sul diferem, ou que é um mundo selvagem ou de pessoas doentes e miseráveis. O continente Africano guarda nossa história de cultura, nossa expressão e jeito de ser.

As africanidades contêm conhecimentos, significações que começaram a ser elaboradas no continente antes da chegada dos colonizadores. Foram dolorosamente acrescidas durante a travessia do Atlântico forçada aos escravizados, bem como no constrangimento desses seres humanos, reduzidos à condição de objetos, de semoventes. Foram e têm sido relidas na transferência de pensamentos e de tecnologias africanas para territórios não africanos, refeitas nas

lutas por reconhecimento e reparações, no combate ao racismo, na resistência contra o embranquecimento de mentes e corpos negros (SILVA, 2009).

Também é importante compreender que somente com conhecimento nos livraremos dos nossos preconceitos.

As africanidades são geradas por visões de mundo de raiz africana e as geram, também. Para conhecê-las, estudá-las e compreendê-las, é preciso atentar que: há unidade, assim como há distinções, nas visões de mundo geradas no mundo africano; as visões de mundo de raiz africana, recriadas sob diferentes condições de existência, constituem o único fundamento capaz de viabilizar a libertação das desqualificações impingidas aos negros. As diferentes culturas de raiz africanas estão ligadas, formando uma grande teia cujos fios são sustentados pela ancestralidade e pela negritude (CARRUTHERS, 1999,p.29, citado por SILVA, 2009).

Está impregnada em nossa alma a descendência africana, na maneira de sermos.

As africanidades brasileiras são formadas tanto pelas heranças – conhecimentos, valores, tecnologias, tradições religiosas – pelos escravizados, em seus corpos, saberes, sentimentos, espiritualidade, durante quatro séculos, como pelas recriações dessas heranças e pela constituição de novas formas para o ser, viver, conhecer (SILVA, 2009).

As lutas para o reconhecimento do negro se iniciaram na época da escravidão. Muitos exemplos poderiam ser citados, mas destacarei apenas dois negros que mais marcaram a história dentro da resistência à escravidão: Zumbi dos Palmares e Chica da Silva. Creio que, a partir desses movimentos pela liberdade dos negros, até os dias de hoje, lutamos por uma igualdade dentro da sociedade.

O termo negritude foi criado, se fortaleceu e popularizou, chegando ao Brasil, a partir do movimento político e artístico levado por estudantes negros em Paris, nos anos 1930. A negritude significa retomada de posse dos negros sobre si mesmo, segurando nas mãos a história de seus povos, as suas identidades que os escravizadores e os colonizadores tentaram suprimir.

Negritude é o termo utilizado pelo movimento negro brasileiro para salientar a ascendência africana, as heranças deixadas pelos escravizados, assim como para identificar os negros que admitem com proeminência a sua ascendência africana a valorizar (SILVA, 2009).

A Lei nº 11.645/08 foi conquista dos movimentos de lutas para currículos escolares do Ensino Fundamental e Médio. É preciso, porém, continuar a luta para adequar a lei aos Referenciais Curriculares da Educação Infantil.

2.4 – Etnias, raça e identidade

Alguns conceitos devem ser elucidados como ponto de partida desta reflexão: identidade, etnia e raça. Busquei embasamento nas obras da autora Nilma Lima Gomes - *A mulher negra que vi de perto* (Gomes, 1995) e do autor Tomaz Tadeu da Silva - *Documentos de Identidade; uma Introdução às teorias do currículo* (Silva, 2001).

A princípio perguntava-me: o que é identidade, etnia e raça? Palavras tão usadas, discutidas e polemizadas, muitas vezes, no entanto, não nos damos conta do quanto é difícil explicar ou exemplificá-las no nosso dia a dia. O dicionário Aurélio apresenta os significados dessas palavras no senso comum.

Identidade: sf. 1. *Qualidade de idêntico.* 2. *Os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.*

Etnia: sf. *Antrop. População ou grupo social que apresenta homogeneidade cultural e linguística, compartilhando história e origem comuns.* § *etnicidade sf.; étnico adj.*

Raça: sf. 1. *O conjunto dos ascendentes e descendentes duma família. Tribo ou povo, com origens comuns.* 2. *O conjunto de indivíduos cujas características corporais são semelhantes e transmitidas por hereditariedade, embora possam variar dum indivíduo para outro.*

Apesar do uso constante pelos antropólogos, sociólogos, psicólogos, linguistas e outros estudiosos, o termo identidade não é tão simples como se pode pensar. Apesar de o usarmos com certa familiaridade, ficamos desarmados quando somos questionados: afinal, o que é a identidade? (GOMES; 1995, p.38)

Quando aparece o assunto “negro”, logo falamos sobre a identidade dele. A palavra está ligada à identidade do negro para algumas pessoas, como cabelo, roupas, enfim, vários atributos e atitudes que se relacionam a uma determinada postura ou um grupo.

Observei algumas falas: – *“Nossa! Marilene assume sua identidade negra”*. Isso porque ela trança os cabelos ou usa algum tipo de vestimenta de origem africana. A partir desse momento, vejo que, por exemplo, quem opta por usar o cabelo relaxado ou roupas não chamativas, está negando a sua negritude. A identidade está ligada, pois, ao grupo ou a um movimento social de lutas.

A identidade não é inata, ela se constrói em determinado contexto histórico e cultural. Envolve os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade. Esse *nós* coletivo que é evocado, essa identidade vista de uma forma mais ampla e genérica é invocada quando um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido (NOVAES, 1993, p.25).

Os movimentos negros tiveram visibilidade, na década de 80, através de muitas lutas pelo reconhecimento de valores.

A identidade tem sido um tema muito debatido entre os militantes do Movimento Negro e alguns cientistas sociais, na tentativa de um resgate cultural, desmascarando a democracia racial, construindo um discurso que não se restrinja à ênfase em sinais diacríticos que diferenciam o negro do branco, mas levando a discussão para uma análise da situação sócio-econômica, educacional, inserção no mercado de trabalho e discriminação racial que envolve o negro brasileiro (GOMES, 1995, p.42).

O autor Tomaz Tadeu da Silva nos apresenta a **identidade** como uma construção do currículo.

O que é (a identidade) depende do que não é (a diferença) e vice-versa. É por isso que a teoria social contemporânea sobre identidade cultural e social recusa-se a simplesmente descrever e celebrar a diversidade cultural. No centro de uma perspectiva crítica de currículo deveria estar uma concepção de identidade que a concebesse como histórica, contingente e relacional. Para uma perspectiva crítica não existe identidade fora da história e da representação (SILVA, 2001, p.103-4).

De acordo com os pesquisadores, **raça** seria um termo usado para determinar a supremacia de determinados povos e não seria a palavra mais adequada. É preciso ter raça!

Existe muita polêmica no meio acadêmico quanto ao uso do termo raça. A antropologia rejeita essa terminologia preferindo etnia, pela relação que existe entre raça e antropologia física, que afirmava a existência de uma supremacia racial.

(...) justificando teoricamente que etnia é o melhor termo a ser usado devido à sua dimensão histórica e cultural, na prática social, quando se discute a situação do negro na sociedade brasileira, raça ainda é o termo adotado que consegue dar a verdadeira dimensão do racismo existente na sociedade brasileira (GOMES, 1995, p.48).

Consolidado no século XIX, como uma forma de classificação supostamente científica da variedade dos grupos humanos, com base em características físicas e biológicas, o termo “raça” tornou-se, nesse sentido, crescentemente desacreditado. A moderna genética demonstrou que não existe nenhum conjunto de critérios físicos e biológicos que autorize a divisão da humanidade em qualquer número determinado de “raças”. A mesma observação vale para o termo “etnia” – que perde, nessa perspectiva, o sentido. Em geral, reserva-se o termo “raça” para identificações baseadas em caracteres físicos, como a cor da pele, por exemplo, e o termo “etnia” para identificações baseadas em características supostamente mais culturais, tais como religião, modos de vida, língua etc (SILVA, 2001, p.100).

A grande discussão que se trava no campo intelectual, ao discutir etnia, é a sua recorrente oposição à raça. Para enfatizar o caráter ideológico da discriminação racial, o termo raça tem sido ultimamente substituído pelo conceito de etnicidade ou grupo étnico (GOMES, 1995, p. 51).

Entende-se por etnia:

“(...) um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições monumentos históricos e territórios. (...)” (BOBBIO, 1992, p. 449, *apud* SILVA, 2001).

Assim, é possível constatar a apropriação do termo **etnia** por influência dos estudos da antropologia, para a discussão ideológica de estereótipos e discriminações referentes a comunidades *de língua, cultura e tradições*. São esses os componentes educacionais e formativos que enfatizamos na construção da identidade e da autoestima de nossas crianças.



Figura 9: Alunas construindo máscaras africanas para enfeitar a escola (Ana Beatriz, Ana Karolina e Ariane)

3 – CONSTRUINDO AUTOESTIMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1- Quem sou eu?

*Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade...
(Dona Ivone Lara)*

O vínculo e o carinho devem estar presentes desde os primeiros dias de vida de uma criança. A importância do afeto nesta fase de vida é essencial para uma vida adulta. Cuidar, brincar e educar são imperativos na infância, dimensões únicas e insubstituíveis na primeira etapa da educação básica.

Pensando em trabalhar com as crianças o valor da autoestima e o carinho, passei a observar mais intencionalmente seus comportamentos, visando desenvolver atividades que trabalhassem a afetividade. A partir de conversas de rodas e brincadeiras em sala, pedi a cada ³criança para ir até o espelho, se olhar por um tempo. Logo depois, fiz a seguinte pergunta:

- **Quem você vê no espelho?**
- *Eu estou vendo o Taylon* - disse Breno.
- *Eu estou vendo toda a turma* -disse Tailaine.
- *Estou vendo a professora Lisa, a Giselle e a Cibele* - disse Queren Hapuque.
- De acordo com essas respostas, tive que formular outras perguntas.
- **Como você enxerga a pessoa que está no espelho?**
- *É uma criança preta e, quando bebê, era uma bolinha preta.* (Gabriel Henrique)
- *Quem te disse isso?* - perguntei.
- *Minha Mãe!* - responde Gabriel.
- Quando questionei a aluna Ana Beatriz, obtive a seguinte resposta:
- *Cabelos pretos, louros, rosto, corpo e que sou morena.* - disse Ana.
- *Sou eu no espelho!* - disse Everton, quando questionado.
- **Como você é?** - perguntei.
- *Eu sou bonito! Minha mãe já me falou.*

A grande surpresa desses questionamentos surgiu quando conversei com a Ariane, uma criança negra, de grande beleza, esperta, muito carismática. Ao perguntar a ela o que via no espelho, respondeu:

- *Enxergo a Ana Karolina!* - diz Ariane.

³ A faixa etária da turma era de cinco anos.

Fiquei surpresa! Como Ana Karolina estava sentada ao fundo da sala, o seu reflexo no espelho não estava tão destacado, para que Ariane a enxergasse da forma como respondeu.

- *Por quê?* - perguntei.
- *A Ana é bonita, por causa do cabelo!*

A criança à qual Ariane se refere é uma criança branca, com cabelos claros, lisos e longos. Mas por que ela acha Ana bonita? Se seus cabelos também são longos e bem cuidados? - perguntei para a mãe da Ariane.

- *A Ariane está sempre me pedindo para relaxar os seus cabelos. Pois quer ficar com ele solto.*

(...) um sujeito pode projetar sentimentos positivos sobre: objetos (por exemplo, a escola); pessoas (por exemplo, um amigo ou o pai); relações (por exemplo, a forma carinhosa com que o homem trata uma mulher, ou um professor seus alunos); si mesmo (e aqui está à base da autoestima). (ARANTES, et al, 2007, p. 21)

Ao analisar o valor da autoestima para nossas crianças, percebi a grande importância de se trabalhar a afetividade, o cuidado e o educar em todas as fases de nossas vidas. Se trabalharmos a autoestima, conseguiremos formar cidadãos conscientes de sua valorização diante da sociedade, independente de sua condição étnico-racial, crença ou posição social.

3.2- TRABALHANDO COM AS DIFERENÇAS

As crianças da turma de cinco anos da UMEI - *Mariquinhas* estão participando, desde o início do primeiro semestre de 2010, de atividades voltadas para o respeito e a valorização das diferenças existentes em nossa sociedade, desenvolvendo, assim, um senso crítico e grande capacidade de observação de seu meio, das relações sociais e afetivas. É esta capacidade de observar o diferente sem julgá-lo que levou uma das crianças a perceber a presença de duas aranhas de cores diferentes, uma preta e outra marronzinha mais clara, dentro de sala de aula, possibilitando a elaboração de um projeto, através de curiosidades e hipóteses levantadas pelos alunos.

Nesse projeto, as crianças desenvolveram hipóteses acerca da aranha, e foi promovida, democraticamente, a escolha do nome da aranha preta. Não foi escolhido o nome da aranha marron porque ela desapareceu da sala e assim as crianças ficaram mais atentas à aranha preta, que ficava todo o tempo em nossa sala.

- *Por que elas possuem cores diferentes?*
- *De que elas se alimentam?*
- *Onde elas vivem?*
- *Como nascem os filhotes?*

Com a intenção de trabalhar com as hipóteses feitas pelas crianças, de forma clara e prazerosa, foi elaborado o Projeto Aranha, que visava ao esclarecimento e à aprendizagem sobre os aracnídeos, possibilitando interrelacionar este projeto às atividades com ênfase étnico- racial.

Durante o projeto, realizaram-se várias atividades, como: a construção de uma teia de aranha gigante; confecção de aranhas em E.V.A.; apresentação do filme *O porquinho e a Dona Aranha*; trabalhos com massa de modelar, criando formas e cores de aranhas, finalizando com a excursão ao Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Minas Gerias, ponto marcante desse projeto.

No campus da UFMG, fomos recebidos pelo professor Adalberto e seu estagiário Ivan, que responderam às perguntas das crianças e apresentaram-lhes novas informações. Além disso, permitiram a elas que manuseassem as várias espécies de aracnídeos em resina do acervo local.

Essa experiência foi significativa para a turma, pois proporcionou novas descobertas e conhecimentos de forma prazerosa, por meio do diálogo entre o professor Adalberto e as crianças da UMEI, o que possibilitou novos questionamentos. Destaco a fala do Gabriel Henrique, que observou que havia uma teia de aranha em um dos cantos do laboratório.

- *Olha! Uma teia enorme de aranha.* - diz Gabriel.
- *Muito bem, Gabriel. Existe uma aranha morando lá.* - responde o professor.
- *Ali também tem!* - dizem vários alunos, apontando para locais diferentes. A partir daí, o professor mostrou e explicou o processo de reprodução dos aracnídeos.
- *As aranhas botam os ovinhos em uma bolsinha que fica presa na teia.* - diz o professor Adalberto.
- *Olha como são os ovinhos delas.* - diz o professor Adalberto, colocando um ovo nas mãos do Gabriel.
- *Vocês sabiam que existem mais de quarenta mil espécies de aranhas no Brasil, e que a cada dia uma nova espécie é descoberta?* - pergunta o professor.
- *Não!* - Todos os alunos respondem.
- *Pois é! No Brasil existem mais de quarenta mil espécies de aranhas.* - diz o professor.



Figura 10 – Explicação do Professor Adalberto do ICEB-UFGM

- *Vocês sabem quantas perninhas a aranha tem?*- pergunta o prof. Adalberto.
- *Sim! Oito. Quatro de cada lado.* - diz Marcos Duarte, acompanhado pelos colegas.
- *Sabiam que elas possuem quatro olhos?* – pergunta prof. Adalberto.
- *Não!* - Todos respondem, achando interessante.

A preparação para o futuro constitui em estímulo certo no presente e se inscreve na primeira categoria daquilo que eu denominaria alegrias intermediárias. O “mais tarde” é o campo da prática profissional, do sucesso profissional - e também do exercício dos direitos; estamos muito longe de um utilitarismo que deveria envergonhar-se de si mesmo (SNYDERS, 1993, p.27-28).

O passeio com as crianças possibilitou a descoberta de um novo mundo. A satisfação, alegria o contato com outro ambiente como do laboratório de aracnídeo, manuseio das aranhas em resina, foi uma experiência diferente é magnífico para as crianças e para as educadoras.



Figura 11 – As crianças escutando e observando a explicação do professor Adalberto.

3.3 – Sou África, sou Brasil, sou afro-brasileiro

Estou convicto de que o único paraíso racial é aquele que nós conseguimos imaginar; para isso precisamos de curiosidade, sentido de inquietude e noção dos limites do próprio país. (...) (BACELAR e CAROSO, 1999, p.23.)

Desenvolver a história da cultura negra no Brasil, com crianças de cinco anos de idade, não foi fácil, pois não sabia como abordar o sofrimento e a luta dos negros, sem desenvolver ou reacender traumas. Foi, portanto, um trabalho complexo, pois não imaginava por onde começar. Entretanto, não foi impossível.

Pensando assim, desenvolvi, junto à turma de cinco anos da UMEI *Mariquinhas*, o Projeto *Sou Brasil, sou África, sou Afro-Brasileiro*, que abordou de forma leve e tranquila a evolução e as conquistas dos negros em nossa sociedade em busca do respeito, da dignidade, da construção da identidade étnico-racial. Adotei como abordagem inicial uma roda informativa, na qual as crianças foram estimuladas a falar sobre o que sabiam a respeito da África e de seu povo.

- *As crianças da África não têm nada para comer!* - diz Marcus Duarte.
- *As crianças trabalham para construir casas e não ganham nada! Existem tigres e crocodilos.* - diz Gabriel Henrique.
- *Existem também bichos gigantes.* - diz o Lucas.
- *Lá tem macacos.* - diz Wesley.
- *As crianças são magrinhas, com cabelos pretos e curtinhos! Agarradinhos na cabeça.* - diz Marcus Duarte.

Percebi, através desta conversa, que as crianças têm uma visão parcial, reducionista e muitas vezes negativa sobre o continente africano e seu povo. Expliquei para elas que a Copa do Mundo de 2010 foi na África do Sul, um dos países do continente africano.

No segundo momento, apresentei o mapa do mundo às crianças, para que observassem o continente africano e mais especificadamente a África do Sul. Durante este processo um dos alunos despertou o interesse dos demais ao perceber outro país com estrutura física semelhante ao que estava sendo pesquisado.

- *Olha! Este parece com aquele outro país ali.* - diz Marcus Duarte, apontando para o mapa do Brasil.
- *Este país é o Brasil, Marcus.* – respondo e completo a informação, dizendo:
- *Vocês sabiam que o mundo é redondo igual a uma bola, uma laranja?*

Neste momento, entra a coordenadora na sala e é abordada pelas crianças, que dizem, entusiasmadas:

- *Fabiana, você sabia que o mundo é igual a uma laranja?*
- *Você sabe onde fica o Brasil?*
- *Você sabe onde fica a África?*

Em seguida, as crianças vão até o mapa e fazem a demonstração de suas descobertas.



Figura 12 – Apresentação do Mapa do Mundo especificamente do Continente da África e seus países.

Na segunda etapa do trabalho, indaguei a respeito do conhecimento das crianças sobre os escravos e sua história, obtendo as mais variadas respostas, como:

- *São negros, bem negrão!* - diz Gabriel Henrique.
- *Eles apanhavam muito.* - diz Marcus Duarte.

As crianças levantaram algumas hipóteses em relação ao tema proposto. A partir desta conversa em roda, apresentei como era a vida dos negros antes de serem presos.

Muitos negros antes de serem escravos foram reis. Como, por exemplo, a história do Chico Rei, que vivia em sua tribo no reino Congo em um país da África, era Rei, um grande guerreiro. Num dia em que estava passeando com sua Rainha, seus filhos e seus amigos, Chico e todos foram presos pelos portugueses que ali estavam escondidos e trouxeram Chico Rei para o Brasil. Contam que ele trabalhou muito e conseguiu comprar a sua liberdade, que tem o nome de Carta de Alforria, com o passar do tempo Chico, comprou

também de outros negros, então os negros que eram escravos, começaram a chamar Chico de “Chico Rei” em Ouro Preto, antiga Vila Rica.

Foi também possível contar, de forma lúdica, a história de como o negro foi tratado quando chegou ao Brasil, pelos navios negreiros.

Os negros foram obrigados a vir para o Brasil, onde se tornaram escravos. Trabalhavam nas lavouras de café, cana-de-açúcar – de onde se faz o açúcar que usamos para adoçar o café, para fazer bolo, etc. Cuidavam dos animais da fazenda (boi, vaca, bezerro, porco), e as mulheres negras com os dentes bonitos cuidavam da casa fazendo comida, limpando, lavando e cuidando do filho da dona da casa. Os negros que se recusavam a trabalhar eram castigados e muitos deles até conseguiam fugir, pois sentiam saudades de suas casas.

Neste momento, pedi na cozinha um pouco de café e açúcar para que as crianças pudessem pegar e cheirar, e disse: *hoje nós temos as fábricas onde tanto o açúcar como o pó de café são fabricados (processados) pelas máquinas.*

Como muitos escravos fugiam para longe, muito longe, acabavam criando um pequeno povoado para eles, com o nome de Quilombo, Os negros que conseguiam chegar, desfrutavam de uma liberdade que um dia já haviam vivido. Eles brincavam, cantavam, dançavam, contavam história dos seus ancestrais (parentes bem antigos que já tinham morrido) e rezavam, ensinavam para as crianças que sempre deveriam respeitar os mais velhos, pois estes guardavam valiosos conhecimentos da vida. Através desta união tentaram suprir a falta da terra natal e de seus costumes e dos familiares que ficaram para trás.

As crianças ficaram atentas na contação de história, mas queriam participar comentando que em suas casas ou de algum parente tinha os alimentos que citei acima.

- *Na casa da minha avó tem pé de café, ela faz o próprio café - diz Ariane, completando que também havia cana.*

Prometi para as crianças que levaria um pé de cana para podermos chupar. Cumpri. Levei a cana, eles adoraram, ficaram alegres, pois foi uma diversão, todos me diziam “adoro cana”, até as meninas que auxiliam na limpeza participaram da festa da cana.

- *Na casa da minha tem porco, cana e pé de café. - diz Marcus Duarte.*

A identificação das crianças, ao longo de cada parte da história, dizendo que conheciam que na casa do vizinho, da vó ou da tia tinha ou era igual foi muito enriquecedor para todos.

Em seguida, as crianças foram, com a professora Giselle, à sala de informática, pesquisar sobre a África (vegetação, vestimentas, costumes, personalidades importantes).

Outras atividades desenvolvidas foram a contação de histórias dos livros Rita Cebola, Meninas Negras, Betina, Bonequinha Preta, Menina bonita do laço de fita e A fábrica dos retalhinhos. Assistimos a filmes que apresentam a cultura africana de forma lúdica e divertida, confirmando as descobertas realizadas através da pesquisa feita anteriormente.

Com a participação das crianças, foram elaborados cartazes de personalidades e figuras negras, trazidas por elas. Essa atividade foi realizada em pequenos grupos, sob a orientação do professor, e distribuíram os cartazes pela UMEI, mostrando seus trabalhos para toda a comunidade escolar.



Figura 14 – Colorindo o continente Africano pelas crianças da turma de cinco anos

3.4. Momentos de contação de histórias

Retalhinho Branco

Iniciei a contação de história “Retalhinho Branco” para as crianças da manhã. É uma história que apresenta, de forma lúdica, o respeito às diferenças das cores,

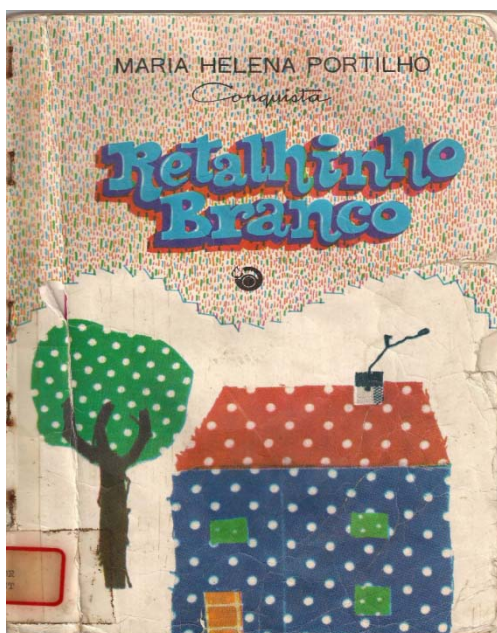


Figura 15 - Capa do Livro

No decorrer da história, as crianças ficaram surpresas e curiosas para ver o que aconteceria a cada retalhinho. Cada cor que apresentava era uma alegria para elas; algumas conheciam as cores e faziam questão de falar junto comigo e outras, não, mas também repetiam junto. Com carinho de espanto, surpresa e felicidade, teve criança que riu tanto, mas tanto, que depois disse para a professora que estava passando mal.



Figura 16 - Contação da história do Retalhinho Branco pela Educadora Lisa na sala da turma de quatro anos.

Foi encerrado o trabalho com a apresentação de teatro da história “Retalhinho Branco” – uma produção das crianças de cinco anos para as crianças do turno da manhã, passando por todas as turmas. Presenciou-se um momento significativo de interação entre grupos de diferentes faixas etárias, de desenvolvimento da oralidade em contextos públicos, de reflexão sobre valores e atitudes essenciais à convivência e ao respeito recíproco.



Figura 17 – História “Retalhinho Branco” apresentação da turma de cinco anos para as outras crianças da Umei.

Menina bonita do laço de fita



Figura 18 – Capa do Livro: Menina bonita do laço de fita

Foi desenvolvido pelas educadoras da UMEI o teatro do livro *Menina bonita do laço de fita*, com personagens caracterizadas de acordo com os papéis.



Figura 19 – Representação pelas educadoras da Umei da história “Menina bonita do laço de fita” e todas as crianças da escola assistindo.

Esse trabalho foi apresentado para os turnos da manhã e da tarde. As crianças riram muito, deliciaram-se com o mundo da fantasia - um momento mágico para elas. O faz-de-conta é tão significativo para as crianças que algumas delas, principalmente as menores, de três anos, achavam que a menina bonita era real.

O carinho, os toques, as gargalhadas eram fantásticos no momento da apresentação para as crianças! Enfim, foi um trabalho lúdico desenvolvido com a

intenção de estarmos apresentando outros personagens, que também merecem a nossa atenção, pois proporcionam um mundo de sonho e conhecimento.

Diante de uma situação atípica em nosso horário de recreio, deparei-me com uma das crianças da escola com os cabelos atrapalhados e senti que ela estava incomodada com o fato de os cabelos não estarem penteados. Então, brincando com Ketlen, perguntei por que a mãe não tinha penteado os seus cabelos – e a menina me disse:

- *Não moro com a minha mãe. Moro com a minha vó, tia, irmã e meu pai.*
- *Eu lhe disse: Ketlen peça para vovó pentear os seus cabelos.*
- *Ah, tá... (meio triste)*
- *Ketlen, você quer que eu penteie os seus cabelos?*
- *Sim, mais vai doer... estão embaraçados.*
- *Vou pentear devagar, passarei creme para não doer, tá bom?*

Então peguei o pente e um creme na sala da professora Luciana, pedi à Fabiana as *buchinhas* para colocar no cabelo de Ketlen, levei-a para minha sala e terminei de trançar os seus cabelos. Ketlen ficou tão feliz que saiu mostrando para todos da escola como estavam seus cabelos.

As crianças Ana Beatriz e Tamires me perguntaram se poderiam trançar os seus cabelos também. Disse que teríamos que marcar um dia para poder trançar os cabelos delas.

Essa descrição visa realçar algo que aparentemente é detalhe, mas que se integra à nossa identidade: como os nossos cabelos nos elevam a autoestima, independente de serem crespos ou lisos. O que importa é que estejam limpos, cuidados e arrumados. Porém, para as crianças, é difícil cuidar dos seus próprios cabelos e acabam dependendo de um adulto para tal tarefa.

3.5 – Seminário: O encontro com a essência.

Começamos a construir a ideia de realizar um seminário “ A História do Negro” no mês de junho de 2010 – e a partir daí foram surgindo várias sugestões.

Quem chamar? Como seria? Quais atividades planejaríamos? Esses foram os questionamentos para produzir este seminário, A Vice-diretora registrou minhas sugestões para o planejamento desse seminário, A principio fiquei confusa, pois

nunca tinha organizado um seminário. Pedi ajuda à coordenadora do *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica- LASEB, Maria das Graças de Castro Bregunci, que me sugeriu o Prof. Cláudio Emanuel dos Santos, do Centro Pedagógico. Fiz contato com o professor, e marcamos uma reunião, na qual pude expor minhas ideias e anseios. Prof. Cláudio contextualizou sua prática, dizendo integrar o Núcleo Ações Afirmativas, da FaE/UFMG, participando do projeto *Negras Imagens e Movimentos* e que já estava desenvolvendo este projeto em outras Umeis. Para que pudesse desenvolver atividades com o grupo docente e com as crianças, teria que conversar com a direção e a coordenação.

Articulei a visita do professor Cláudio à UMEI-Mariquinhas. Como a intenção era envolver todo o corpo docente, nos dias das reuniões de formação, conversei com as colegas sugerindo a ideia de trabalharmos sobre as questões étnico-raciais e sobre o seminário. Estas questões constavam do projeto de meu plano de ação, como trabalho de final de curso, mas todos concordaram em aderir ao projeto de forma coletiva e institucional.

Ocorreu a visita do professor Cláudio Emanuel, no dia 08/06/2010, com a participação da Vice-Diretora Carla Andréia, das coordenadoras Fabiana Xavier Rezende Godinho e Sandra Gomes Pereira.



Figura 20 - Cláudio Emanuel dos Santos – Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professor do Centro Pedagógico da UFMG, Coordenador do Programa ações Afirmativas na UFMG.

O professor explicou os objetivos das Ações Afirmativas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG e do Projeto *Negras Imagens e Movimentos*), no qual são promovidos debates e discussões de natureza étnico-racial, incluindo formação docente, intervenções, oficinas e fundamentação teórica.

Cláudio afirmou ter se emocionado com nosso convite, pois participou da criação da creche comunitária da UMEI-*Mariquinhas*. Também sugeriu a promoção de momentos para a reflexão dos educadores da parte da manhã e tarde, com os quais ele poderia trabalhar, para a construção coletiva de subsídios para a Educação Infantil em nossa Umei, com as seguintes metas mais imediatas:

- *indicações e referências para trabalharmos sobre a etnia;*
- *produção de materiais e catálogos de crianças negras.*

O trabalho foi iniciado com a turma de cinco anos do turno da tarde e o professor registrou, através de filmagens, as atividades com as crianças, para posterior reflexão com toda a equipe.

RELATO DA EDUCADORA MAGDA MARGARET DE ALMEIDA

Particpei do trabalho desenvolvido pelo professor Cláudio na turma de cinco anos. O trabalho despertou interesse dos alunos, que participaram ativamente das atividades propostas pelo professor e seus colegas que filmaram, gravaram e organizaram tudo juntamente com os alunos e comigo, que estava com a turma no momento em que as atividades aconteceram.

Notei que os alunos acharam divertido realizar os movimentos, gestos propostos nas músicas trabalhadas e eles se empolgaram na hora de dançar junto com o Cláudio e comigo.

Alguns alunos, no outro dia, estavam cantando as músicas que aprenderam e perguntaram se o Cláudio não ia voltar na sala deles. Achei muito bacana a forma de abordar o tema com eles, pois o Cláudio utilizou uma linguagem simples e objetiva para contar um pouco da história e da influencia cultural do negro em nosso meio.

Eu também me diverti, dancei, cantei e aprendi um pouco mais sobre a cultura do negro, músicas e etc... Espero que o trabalho tenha continuidade e empolgue a mim e as crianças da mesma forma que da primeira vez. (Educadora de apoio de cinco anos que participou das atividades desenvolvidas pelo o Professor Cláudio com a turma).

Foram feitos contatos com várias pessoas da comunidade e fora dela, nos quais pedi a doação do seu tempo para que pudessem participar do seminário “A História do Negro” da UMEI-*Mariquinhas*. Vários dos artistas, professores e outros profissionais contatados não puderam colaborar, em razão de agendas cheias ou de expectativa de remuneração incompatível com as possibilidades da Umei.

Através da aluna de dança afro, Maricélia, foi possível o contato com a *Cia de dança Art.ponto.com*, do professor Carlos, que prontamente confirmou sua participação e de sua equipe.

Débora Barbosa, escritora de literatura infantil e aluna do curso de especialização da FaE/UFMG, na área de História da África, aceitou contar histórias de um de seus livros destinados à educação infantil. Débora apresenta e valoriza a história da realeza dos negros que vieram como escravos para o Brasil.

A Professora Mônica Meyer, também da FaE/UFMG, não pode participar, mais sugeriu a aluna Ana Luiza, do curso de graduação em Biologia do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG e ofereceu almanaques produzidos por sua equipe - que falam sobre o cuidado da pele, cabelo e unhas. A aluna concordou em participar e ofereceu os almanaques para distribuímos para a comunidade.

Assim que foram confirmadas as participações, com o envolvimento da vice-diretora Carla Andréia, das educadoras Cleonice, Fabiana Xavier e Luciana, passamos para a conclusão do seminário, previsto para o dia 11 de setembro.

11 de setembro: uma data ressignificada, para fazer a diferença

Os preparativos para o seminário “ A História do Negro” ocorreram ao longo de toda a semana: escolha de tecidos para ornamentação; criação de cartazes e pinturas feitas pelas crianças; confecção de flores de papel crepom pelas educadoras Cleide, Rita e Cibelle; empréstimo dos bonecos da educadora Cleonice; leitura de livros que prestigiaram a questão étnico-racial.



Figura 21 – Secretária Cibelle, Cleo, Fabiana e a Vice-Diretora Carla Andréia na preparação do Seminário “A História do Negro” na Umei.

No dia anterior ao seminário, ornamentamos toda a escola, para recebermos nossos convidados.



Figura 22- Bonecos emprestados pela educadora Cleo, Livros da Umei e colaboração do Professor Cláudio para enfeitar a escola.



Figura 23 –Ariane, Cibele, Ana Karolina e Ana Beatriz confeccionando cartazes para o dia do Seminário.

O seminário iniciou-se com a abertura do professor Cláudio contando sobre a história do negro, cantando canções de congado e apresentando slides de atividades realizadas com as crianças da UMEI.



Figura 24 – Professor Cláudio e participação da Comunidade no seminário

Houve a apresentação da turma de cinco anos da educadora Lisa. As crianças demonstraram alegria e respeito durante a fala do professor Cláudio, e na preparação e apresentação do grupo.



Figura 25 - Ana Beatriz, Ariane, Ana Karolina, Marcos Oliveira, Gabriel Nunes, Gabriel Henrique e Osvaldo aguardando o momento da apresentação.

Na sequência, Débora realizou a contação da história do Rei do Congo e sua chegada ao Brasil, sendo transformado em escravo.



Figura 26 - Débora aluna do curso de especialização no Laseb - História da África e escritora de Livros infantis que contam história da realeza dos negros da África que vieram para o Brasil serem escravos.

Ana Luiza expôs os cuidados necessários com a pele, cabelos e unhas de forma lúdica e clara, permitindo a interação com o grupo presente.



Figura 27 - Ana Luiza aluna do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.

A finalização do seminário se deu com a apresentação do grupo de dança afro “Art. Ponto.com” do professor Carlos, que explicou sobre a origem das danças afros de maneira lúdica e agradável para toda a comunidade, permitindo que algumas crianças do bairro participassem dançando e brincando junto com o grupo de dança. Enfim, foi uma tarde de muita aprendizagem e divertimento para todos.



Figura 28 - Professor Carlos e seu grupo Cia – Arte ponto com, conversando com a comunidade sobre a importância da cultura africana.



Figura 29 – Apresentação do grupo para comunidade.

O trabalho desenvolvido no seminário foi de grande relevância para aprendizagens mais profundas.

Refletindo sobre o XVI Seminário da *Ciranda da Infância da Educação*. “*As interações adulto- criança na Educação Infantil*” oferecido pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte (SMED/PBH), a palestrante Renata Gazzielli nos diz:

Atitude é diferente de comportamento, pois comportamento é aquilo que a sociedade nos ensina. Atitude é essência.

Percebi, dessa forma, que consegui encontrar a essência da minha participação no encontro com a minha prática pedagógica na educação infantil, promovendo, assim, a diferença para as crianças da UMEI-*Mariquinhas*.

Na segunda-feira após o seminário, alguns pais relataram que gostaram muito das atividades desenvolvidas.

Maria José disse:

- Gostei muito das palestras da orientação da aluna do curso de biologia muito interessante, fiquei até o final, pois está tudo lindo demais. Tomara que o ano que vem tenha de novo.

Madalena disse:

- Estava louca para a escola trabalhar este tema com as crianças, pois um dia a minha filha chegou em casa com uma conversa assim: 'eu não quero brincar com a minha coleguinha porque ela é marronzinha'. Ai orientei-a que não deveríamos tratar as pessoas assim, que temos que conviver com todos, pois todos são filhos de Deus. E pedi à professora para orientar a turma e colocar a minha filha para brincar junto das crianças pretas, pois ela acha que sou branca porque tenho a cor mais clara, mas a minha vó era negra e outras pessoas da minha família e do meu marido também são negras, não posso deixar o preconceito desenvolver em minha filha. Vocês estão de parabéns! Por este motivo fiz questão de participar e ficar até o final com ela para que valorize todos.

Raquel disse:

- Amei, foi tudo muito lindo!

Nos ataques do dia 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas, nos Estados Unidos da América, percebemos as graves implicações da falta de tolerância, respeito ao próximo e das relações de dominação entre o imperialismo norte-americano sobre países pobres e em desenvolvimento. O ataque trouxe à tona a vulnerabilidade de grandes potências e os permanentes riscos de tensões e guerras movidas pela intolerância.

Nossa experiência local e particular nos permitiu outro significado para a data de 11 de setembro: um dia para pensarmos, refletirmos e procurarmos fazer a diferença, contra todos os tipos de preconceitos existentes em nossa sociedade.

3.6 – Participações das crianças e repercussões

As crianças de cinco anos envolveram-se ativamente durante os projetos desenvolvidos em sala e fora dela, com a participação dos pais nos trabalhos realizados a respeito das questões étnico-raciais.

As crianças pediram aos pais para ajudarem a procurar figuras de pessoas negras para a confecção de cartazes que foram expostos pela escola.

As crianças estão mais participativas nas aulas, gostam de contar histórias em relação ao trabalho que foi desenvolvido por elas para outras pessoas fora da escola.

A participação do boneco negro em nossa turma foi recebida com muita alegria pelas crianças: todas querem levar o boneco para casa, apresentar para um amigo, irmão, primo - enfim é orgulho ter um amigo negro. Desenvolvemos uma votação em sala para a escolha do nome do boneco O nome escolhido foi Allan, coincidentemente o nome do irmão da Ariane.

As crianças aprenderam que as diferenças da cor da pele e o tipo de cabelo não nos fazem nem melhores e nem piores; somos todos seres humanos em busca da nossa dignidade e respeito.

Conquistei a socialização dos alunos, com aproximação de algumas crianças que tinham dificuldades de relacionamento com um amigo com síndrome de down, com colegas que não têm o mesmo tom de pele ou cabelo. Até mesmo as questões das relações sociais foram trabalhadas em nossa turma. Determinados preconceitos são gerados na rua em que a criança vive; muitas vezes ela não traz de casa este preconceito. É nosso dever trabalharmos as diferenças.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido de maneira prazerosa para mim, para minhas colegas e para as crianças. Nos primeiros momentos pensei que não daria conta de desenvolver o plano de ação e nem conseguiria desenvolver o trabalho ao longo do tempo institucional proposto, mas isso se superou com dedicação, aplicação e ajuda nos momentos de dúvidas. Conteí com as amigas Cléo, Fabiana e Luciana, consegui desenvolver ao longo do ano letivo a proposta de trabalho com foco na questão étnico racial, na UMEI.

Em relação aos educadores, certamente ainda faltam muitas atitudes e amadurecimento para uma atuação coletiva, pois compromissos particulares ou convicções pessoais acabam se sobrepondo aos projetos que demandam a socialização e a adesão de todos.

Renata Gazinnelli, no XVI Seminário Infância na Ciranda da Educação “ As interações adulto-criança na Educação Infantil” (SMED/PBH), afirmou que *compromisso é o que a sociedade nos ensina*. Falta atitude, paixão para trabalhar com as crianças e perceber que elas são as protagonistas do nosso trabalho.

Dessa forma, acredito que a participação da comunidade eleva muito o nosso trabalho, pois é compartilhando com ela que as crianças crescem e se sentem sujeitos de direitos; a partir do momento que levam os pais para participarem das reuniões, visitas e oficinas oferecidas pela escola.

Pude observar que o envolvimento das crianças no trabalho desenvolvido foi bastante significativo e proveitoso. Elas perguntaram, participaram, tiraram dúvidas e levaram o conhecimento adquirido para casa – e vice-versa. Isso ocorreu de forma sempre lúdica, em momentos de brincadeiras, pois temos que ter conhecimento de que esta etapa de vida é um momento de descobertas, de curiosidades, e nós, educadores, somos mediadores dessas descobertas, proporcionando momentos agradáveis na aprendizagem. Somos, sobretudo, mediadores da construção da identidade e da autoestima, objetivo maior desta ação educativa, que marcará muitas histórias de vida.

O desenvolvimento dessas atividades permitiu verificar, conforme Nilma Lino Gomes, *A mulher que vi de perto: processo de construção da identidade racial de professoras negras*. Belo Horizonte: Mazza, 1995. E Tomaz Tadeu da Silva

Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, como trabalhar questões étnico-raciais na educação infantil.

Segundo Gomes (2008), *“É forte ainda a presença de imagens estereotipadas e opiniões colocadas no senso comum.”* Como educadora, “adotei” uma postura que proporcionasse a construção da autoestima das crianças, e, a partir das diferenças, trabalhar o respeito e a sensibilidade de cada um.

SILVA (2009) afirma que temos que trabalhar contra o racismo, e contra o embranquecimento de mentes e corpos negros. Em minha concepção, isso pode ocorrer também na primeira etapa da educação básica.

5 – REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa *et. al.* **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. **Relações étnico-raciais na Educação Básica.** v. 15, nº85, p-30-35. jan./fev. 2009.

ARAÚJO, Ulisses F.; PUIG, Josep Maria. **Educação e Valores: Pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2007, 164 p.

BARCELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (Org.) **Brasil: um país de negros?** Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

BENTO, Maria Aparecida Silva; **Cidadania em preto e branco.** *In: Discutindo as relações raciais.* São Paulo: Ática, 1998.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Utilizações pedagógicas da investigação qualitativa. *In: BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari, Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto: Porto Editora, 1994. Cap. 7, p 268-301.

CIVILETTI. Maria Vitória Pardal. **“O Cuidado às crianças pequenas no Brasil Escravista.** *In: Caderno de Pesquisa.* São Paulo, nº 76, PP. 31-40, fev./91.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas; Gomes, Maria de Fátima Cardoso (orgs.) **Formação Continua de docentes da educação básica.** *In: Construindo Parcerias (LASEB).* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (Coord.) *et. al.* **Educação Infantil.** *In: O desafio da oferta pública.* Belo Horizonte: Segrac, 2002.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira: **Reflexões sobre as crianças e a educação de seus corpos no espaço-tempo de Educação Infantil.** PAIDÉIA, nº 4 Ano V, jan./jun. – 2008.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira *et. al.* (org.): **Infância na metrópole.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras:** socialização entre pares e preconceitos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias; SOLIGO, Ângela Fátima. **EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: O DESAFIO DA FORMAÇÃO DOCENTE.** Secretaria Municipal de Educação - Ituitaba – UNIPAC –Tupaciguara.

GOMES, Nilma Lino, **A mulher que vi de perto: processo de construção da identidade racial de professoras negras.** Belo Horizonte: Mazza, 1995.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. **A palavra é... africanidades. Revista Presença Pedagógica,** Belo Horizonte, v.15, nº86, p.42-47, mar./abr. 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Betina,** Belo Horizonte: Mazza, 2009.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção (Organizadoras). **O Pensamento Negro em Educação no Brasil.** São Carlos: UFSCar, 1997.

GOMES, Nilma Lino. **Por uma cidadania multicultural.** Belo Horizonte, v.14, nº84, p.05-12, nov./dez. 2008.

LOPES, Vera Neusa. **Para o trabalho em sala de aula.** v. 16, nº 91, p. 26-31, jan./fev. 2010.

OLIVEIRA, Iolanda *et al.* **Negro e educação. Escola, identidades, cultura e políticas públicas.** São Paulo: Ação Educação, ANPED, 2005.

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. **Relações étnico-raciais.** Belo Horizonte, mar./abr. 2010, v. 16, nº 92, p. 36-39.

OLIVEIRA, Elâine de. **Estereótipos raciais na sala de aula.** v. 15, nº 90, nov./dez. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Isa T. F. Rodrigues da. **O processo de constituição de políticas públicas de educação infantil em Belo Horizonte 1983 a 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002, 223f.

6. APÊNDICE

Apêndice 1 - Autorizações



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edilvina 42186-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Janaína Rodrigues de Souza

Nome(s) dos(as) filhos(as) Ava Beatriz Rodrigues Gomes

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica - UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Costeira 49786-5

UMEI Mariquinhas
Criação Lei nº 8679/2003
Aut. Funcionamento Portaria SMED Nº 248/2007
Ren. Autor. Funcionamento Portaria SMED Nº _____
Rua Acafifa, 209 - Juliana - BH / MG
Tel: 3277-8898

Assinatura dos pais ou responsáveis:

Maria Leusa Pereira Brito

Nome(s) dos(as) filhos(as) Ava Karoline Brito dos Santos

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Mirelli Feita

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Prof. Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica - UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edoliveira 4.2786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Maria José

Nome(s) dos(as) filhos(as) Ariane Vitória Borges Candia

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
 Faculdade de Educação
 Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
 Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

edoliveira 42786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

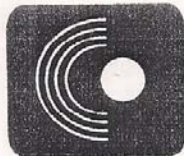
Vanusa amara de JESUS

Nome(s) dos(as) filhos(as) Breno Vinicius de Jesus Ribeiro

Breno Vinicius de Jesus Ribeiro

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
 Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Prof. Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Carla Andreia de Oliveira

Carla Andreia de Oliveira
VICE-DIRETOR DE UMEI
DM: 42.786-5
NOMEAÇÃO DOM 15/01/99

Assinatura dos pais ou responsáveis:

João Pereira do Nascimento

Nome(s) dos(as) filhos(as) Libele Melissa Caetano do Nascimento.

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feitosa

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica - UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Oliveira 42786.5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Maria Rosiene Isidoro Santos

Nome(s) dos(as) filhos(as) Everton Assis dos Santos

Everton Assis dos Santos

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feitosa

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Prof. Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Oliveira 42186-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Regiane Rodrigues Lima

Nome(s) dos(as) filhos(as) Fábio Augusto Lima Trindade

Fábio Augusto Lima Trindade

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Adelina 212786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Silvia Alves da Silva

Nome(s) dos(as) filhos(as) Gabriel Nunes da Silva

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Oliveira 42986-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Marilda de Fatima Evangelista

Nome(s) dos(as) filhos(as) Gabriel Henrique Ferreira dos

Santos

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Prof. Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Escola 42786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Jociane Almeida da Silva

Nome(s) dos(as) filhos(as) Gabrielly Rayene Almeida da
Silva

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica da UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Escolinha 42786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Patricia Queiroz dos Santos Queiroz

Nome(s) dos(as) filhos(as) João Vítor Aires de Queiroz

João Vítor Aires de Queiroz

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

Escola Municipal Minervina Augusta

UMEI Mariquinhas

Criação Lei nº 8679/2003

Aut. Funcionamento Portaria SMED Nº 248/2007

Ren. Autor. Funcionamento Portaria SMED Nº

Rua Acalifa, 209 - Juliana - BH / MG

Tel: 3277-8898

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

oliveira 42786-5

Assinatura dos pais ou responsáveis:

[Assinatura]

Nome(s) dos(as) filhos(as) Kayke Matheus Alves Faria



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica da UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edoliveira 42786-5



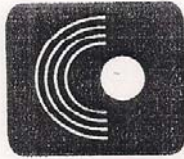
Assinatura dos pais ou responsáveis:

CHARLES ROBERTO D. FERREIRA

Nome(s) dos(as) filhos(as) Lucas Henrique Silva Ferreira

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Prof. Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Oliveira 42786-5

UMEI Mariquinhas
Criação Lei nº 8679/2003
Aut. Funcionamento Portaria SMED Nº 248/2007
Ren. Autor. Funcionamento Portaria SMED Nº _____
Rua Acafifa, 209 - Juliana - BH / MG
Tel: 3277-8898

Assinatura dos pais ou responsáveis:

José Maria da Silva Oliveira

Nome(s) dos(as) filhos(as) Marcos Vinícios de Oliveira

Júnior

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Fettel

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edoliveira 42786-5

UMEI Mariquinhas
Criação Lei nº 8679/2003
Aut. Funcionamento Portaria SMED Nº 248/2007
Ren. Autor. Funcionamento Portaria SMED Nº _____
Rua Acafita, 209 - Juliana - BH / MG
Tel: 3337-8988

Assinatura dos pais ou responsáveis:

Elzete Duarte

Nome(s) dos(as) filhos(as)

Marcus Vinícius Duarte

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edoliveira 42786-5

UMEI Mariquinhas
Criação Lei nº 8679/2003
Aut. Funcionamento Portaria SMED Nº 248/2007
Ren: Autor. Funcionamento Portaria SMED Nº _____
Rua Acaçá, 209 - Juliana - BH / MG
Tel: 3277-8898

Assinatura dos pais ou responsáveis:

Valma Maria Gomes Bezerra

Nome(s) dos(as) filhos(as) Oswaldo Junio Gomes Lima

Oswaldo Junio Gomes Lima

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edoliveira 42786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Maria Cristina dos Santos

Nome(s) dos(as) filhos(as) Queren Hapuque Alves dos Santos

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
 Faculdade de Educação
 Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci
 Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
 Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica - UFMG
 Escola Municipal Minervina Augusta

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

edoliveira 42786-5



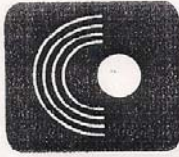
Assinatura dos pais ou responsáveis:

Maria Luíza Dutra da Silva

Nome(s) dos(as) filhos(as) Tailane Vieira Dutra da Silva
Santos

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
 Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

edoliveira 42786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Nome(s) dos(as) filhos(as)

Thaylon Rodrigues dos Reis

Oliver Pereira da Paiz

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Escola 42786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Drayla Marcia de Souza Silva

Nome(s) dos(as) filhos(as) Wesley Almeida de Souza

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
 Faculdade de Educação
 Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
 Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica - UFMG

Escola Municipal Básica UFMG
UMEI Marquinhos
 Criação Lei nº 8679/2003
 Aut. Funcionamento Portaria SMED Nº 248/2007
 Ren. Autor. Funcionamento Portaria SMED Nº _____
 Rua Acácia, 209 - Juliana - BH / MG
 Tel: 3277-8898

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

edoliveira 42786-5

Assinatura dos pais ou responsáveis:

Frederico Ribeiro Souza

Nome(s) dos(as) filhos(as) Jeferson Ribeiro da Cruz

~~*[Redacted signature]*~~

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
 Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Feital

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola)

E. Oliveira 49786-5



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Adriana Ap. Borges

Nome(s) dos(as) filhos(as) Tamires Sandra Ferreira Borges

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Lisa Minelli Fatai

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Prof. Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Escola Municipal Maria Fátima



Assinatura dos pais ou responsáveis:

Maria Socorro Sousa Dias

Nome(s) dos(as) filhos(as) Pedro Márcio Sousa Dias

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

Apêndice 2 – Projetos

PROJETO ARANHA

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL “MARIQUINHAS”

PROFESSORAS: Lisa Minelli Feital / Giselle

PARTICIPAÇÃO: Vice-Direção: Carla Andréia de Oliveira

COORDENAÇÃO: Fabiana Xavier de Rezende Godinho

ESTAGIÁRIA: Cibelle da Silva Bambirra.

TURMA: 5/6 ANOS

MÊS: ABRIL



INTRODUÇÃO:

Como surgiu o interesse pelo projeto? Surgiu a partir do aparecimento de uma aranha em nossa sala, neste momento os alunos começaram a fazer algumas perguntas e ficaram observando-a caminhando pela parede, cantamos a música da *Dona Aranha*. Os alunos resolveram lhe dar nome. Como surgiram dois nomes, partimos para votação. Nomes sugeridos *Gabriela* e *Gislaine*, de acordo com a eleição da turma o nome escolhido foi *Gabriela*.

No entanto com ocorreu um interesse deles pela aranha, foi proposto por mim uma pesquisar de acordo com a curiosidade da turma pelas cores, alimentação, como vivem, reprodução, e as diferenças.

JUSTIFICATIVA:

A importância de se estudar este tema são vários, porém vou me atentar em justificar o principal. Foi o interesse das crianças a partir do aparecimento do aracnídeo em nossa sala, e sem dúvida desenvolvimento deste trabalho proporcionará o envolvimento dos pais e a socialização dos colegas.

DURAÇÃO: Quatro semanas

OBJETIVO:

Proporcionar as crianças o entendimento de outros seres vivos, como vivem, onde moram, e sua reprodução, trabalhar com as diferenças dos aracnídeos.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Observar onde vivem as aranhas.

Conhecer a alimentação das aranhas.

Conhecer o meio de reprodução das aranhas.

Procurar dentro do alfabeto as letras que formam a palavra aranha.

DESENVOLVIMENTO:

Levantamento do conhecimento dos alunos sobre aranha, pedir o envolvimento dos pais no desenvolvimento dá pesquisa enviada para casa. Atividades xerocadas com o tema, música, filme, Confeção do mural, papel crepon, visita agendada para o dia 23/042010 ao Laboratório de Aracnologia do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

AVALIAÇÃO:

O processo se dará de modo contínuo e processual.

RECURSOS MATERIAIS

Xerox

EVA

Ônibus

Lanche (pão com presunto e muçarela / toddynho)

Visita ao Laboratório de Aracnologia do ICB/UFMG.



UNIDADE MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE BELO HORIZONTE – MARIQUINHAS.

PROFESSORA: LISA MINELLI FEITAL

DIRETORA: GUILHERMINA AUXILIADORA PINTO DA CRUZ

VICE-DIRETORA: CARLA ANDRÉIA DE OLIVEIRA

COORDENADORA DO TURNO MANHÃ: FABIANA XAVIER REZENDE GODINHO

PROJETO:

SOMOS ÁFRICA, SOMOS BRASIL. SOMOS AFROBRASILEIROS

BELO HORIZONTE, 2010.

POESIA

O NAVIO NEGREIRO

Castro Alves

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço Brinca o luar — dourada borboleta; E as vagas após ele correm... cansam Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento Os astros saltam como espumas de ouro... O mar em troca acende as ardentias, — Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar...

PROJETO

SOMOS ÁFRICA, SOMOS BRASIL. SOMOS AFROBRASILEIROS

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL MARIQUINHAS

Professoras: Lisa Minelli Feital

Turma: 5/6 anos.

Ano: 2010

INTRODUÇÃO

Através do plano de ação “construindo identidade étnico-racial da Educação Infantil na UMEI-Mariquinhas , utilizando a evidencia da Copa do Mundo na África do Sul. Nos proporcionou oportunidade para trabalharmos sobre o assunto África e partindo da leitura de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva em seu artigo da Presença Pedagógica “ A palavra é... africanidade” (pag.42) que devemos iniciar a história do Brasil, através da história da África. Principalmente a questão racial, pois anos e anos deparamos com a história dos europeus e somente estudamos a história do sofrimento dos negros, nunca histórias das realzas dos africanos, dos povos guerreiros, e alegres.

Não quero trabalhar a histórica da África por estar na mídia, mas sim porque aprendi que devemos iniciar nossos estudos pelas nossas raízes, pois África é o berço da humanidade.

Poder apresentar para os alunos uma África, não só de bichos selvagens, fome, misérias, mas de belezas, e guerreiros.

Cumprindo a lei do nº 11.645/08, no entanto esta lei não contempla a educação infantil, o que não nos impede de desenvolvê-la com as nossas crianças e como professora de educação infantil e graduada em História não poderia ficar ausente diante deste tema.

Proporcionarei o conhecimento da História da África e sua diversidade cultural para as crianças da turma de 5/6 anos, através das brincadeiras, cantigas de roda, danças, teatros, histórias.

Desenvolver de acordo com Referencial Curricular Infantil as habilidades da coordenação motora, raciocínio lógico, Ciências, História. Dentro deste tema levará as crianças ao conhecimento, respeitando as diferenças que a no mundo.

JUSTIFICATIVA

Construindo identidade étnico-racial da educação infantil na UMEI-Mariquinhas, proporcionará as crianças o conhecimento da História da África e sua diversidade cultural.

O desenvolvimento deste trabalho levará conhecimento sobre a cultura africana e brasileira, para crianças, pais, comunidade e profissionais da umei.

DURAÇÃO

Todo ano letivo.

OBJETIVOS GERAIS:

Construir a identidade étnico-racial com as crianças de 5/6 anos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar Continente da África e o país África do Sul.

Trabalhar sobre “Copa do Mundo” que será sediada no país da África do Sul.

Conhecer á História do negro da África/Brasil.

Conhecer a cultura da África/Brasil.

DESENVOLVIMENTO

- _ Investigar o conhecimento dos alunos sobre o tema “África”.
- Atividades,
- Músicas,
- Filmes,
- Literaturas infantis
- Confeção de mural,
- Fotos
- Construção do mapa do continente da África.
- Seminário: Participação de algumas mães da comunidade escolar, (Palestra com professor do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais Cláudio que é responsável pelo projeto Ações Afirmativas e oficinas, Responsável Professor Carlos Cia. De dança Art.com (Afro/capoeira) , participação das alunas do curso Instituto de Ciências Biológicas da

Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do projeto Almanaque Professora Mônica Meyer e graduando Ana Luiza, que irão orientar em relação aos cuidados com cabelos, unhas e pele.

AVALIAÇÃO

O processo se dará de forma contínua e processual em todo tempo das atividades.

RECURSOS MATERIAIS

- * Xerox
- * Folhas
- * Papel graft
- * Tintas de várias cores
- * Máquina fotográfica
- * Som
- * Filmadora
- * Transporte para os dançarinos
- * Lanches

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL – MARIQUINHAS
PROFESSORA: LISA MINELLI FEITAL
TURMA: MANHÃ 5ANOS.

PROJETO CONTANDO HISTÓRIA
DO
RETALHINHO BRANCO

BELO HORIZONTE
2010

PROJETO
RETALHINHO BRANCO
Autora: Maria Helena Portilho

JUSTIFICATIVA:

Objetivo deste projeto é trabalhar as diferenças que há entre nós. Apresentar para crianças que devemos sempre respeitar as pessoas independente da cor da pele.

Através da contação da historia levarei as crianças a refletirem a respeito da diversidade étnico-racial, objetivando uma visão sem preconceitos nos tempos atuais. Lançando a semente através dos alunos sobre o respeito da igualdade racial, atingir mais e mais pessoas.

DURAÇÃO:

Agosto /setembro.

OBJETIVOS GERAIS:

Desenvolver e valorizar a diversidade étnico-racial na educação infantil.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

Trabalhar autoestima das crianças.

Valorizar a diversidade étnico-racial.

Desenvolver através do lúdico e contação da história o respeito pela diversidade étnico-racial.

DESENVOLVIMENTO:

Contação da história “Retalhinho Branco.”

Desenvolver dedoches com retalhos de várias cores

Recontar a história e montar um livro para turma de pano.

Apresentar teatro da historia para escola.

AVALIAÇÃO:

O processo se dará de forma contínua e processual em todo tempo das atividades desenvolvidas sem intenção de promoção da criança.

RECURSOS MATERIAIS:

Saco de americano cru.

Tinta para tecido.

TNT (verde, azul, preto, amarelo e branco)

Retalhos coloridos.

Cola colorida para tecidos.

Máquina fotográfica.

Cola quente.



Aquele abraço

Paulo Freire

A escola

Escola é...

o lugar onde se faz amigos,
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente,

O coordenador é gente, o professor é gente,

o aluno é gente,

cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

na medida em que cada um

se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de "ilha cercada de gente por todos os lados".

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir

que não tem amizade a ninguém,

nada de ser como o tijolo que forma a parede,

indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

é também criar laços de amizade,

é criar ambiente de camaradagem,

é conviver, é se "amarrar nela"!

Ora, é lógico...

numa escola assim vai ser fácil

estudar, trabalhar, crescer,

fazer amigos, educar-se,

ser feliz.

Poesia do educador Paulo Freire, disponível no site do Instituto Paulo Freire (www.paulofreire.org)



PAÍSES DA ÁFRICA E SUAS CAPITAIS



ÁFRICA DO SUL
PRETORIA



ANGOLA
LUANDA



ARGÉLIA
ARGEL



BENIN
PORTO NOVO



BOTSWANA
GABORONE



BURKINA FASO
UAGADUGU



BURUNDI
BUJUMBURA



CABO VERDE
PRAIA



CAMARÕES
IAUNDÉ



CHADE
N'DJAMENA



COMORES
MORONI



CONGO
BRAZZAVILLE



COSTA DO MARFIM
YAMOUSSOUKRO



DJIBOUTI
DJIBOUTI



EGITO
CAIRO



ERITREIA
ASMARA



ETIÓPIA
ADIS-ABEBA



GABÃO
LIBREVILLE



GÂMBIA
BANJUL



GHANA
ACRA



GUINÉ
CONACRI



GUINÉ-BISSAU
BISSAU



GUINÉ EQUATORIAL
MALABO



LESOTO
MASERU



LIBÉRIA
MONRÓVIA



LÍBIA
TRÍPOLI



MADAGASCAR
ANTANANARIVO



MALAWI
LILONGWE



MALI
BAMAKO



MARRCOS
RABAT



MAURITÂNIA
NOUAKCHOTT



ILHAS MAURÍCIO
PORT LOUIS



MOÇAMBIQUE
MAPUTO



NAMÍBIA
WINDHOEK



NIGER
NIAMEI



NIGÉRIA
ABUJA



QUÊNIA
NAIROBI



REP. CENTRO-
AFRICANA
BANGUI



REP. DEMOCRÁTICA DO CONGO
KINSHASA



RUANDA
KIGALI



SAARA OCIDENTAL
EL AAIÚN



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
SÃO TOMÉ



SENEGAL
DAKAR



SERRA LEOA
FREETOWN



SEYCHELLES
VICTORIA



SOMÁLIA
MOGADÍSCIO



SUAZILÂNDIA
MBABANE



SUDÃO
CARTUM



TANZÂNIA
DODOMA



TOGO
LOMÉ



TUNÍSIA
TÚNIS



UGANDA
KAMPALA



ZÂMBIA
LUSAKA

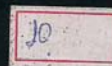


ZIMBABWE
HARARE

ISBN 978-85-61191-02-3



9 788561 191023



ÁFRICA PARA CRIANÇAS

HISTÓRIAS E CULTURAS AFRICANAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

IRIS AMÂNCIO

Textos literários de Ondjaki

Desenhos de Rubem Filho

2

Nandyala

Belo Horizonte

2010



PAÍSES DA ÁFRICA E SUAS CAPITAIS



ÁFRICA DO SUL
PRETORIA



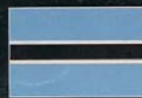
ANGOLA
LUANDA



ARGÉLIA
ARGEL



BENIN
PORTO NOVO



BOTSWANA
GABORONE



BURKINA FASO
UAGADUGU



BURUNDI
BUJUMBURA



CABO VERDE
PRAIA



CAMARÕES
IAUNDÉ



CHADE
N'DJAMENA



COMORES
MORONI



CONGO
BRAZZAVILLE



COSTA DO MARFIM
YAMOUSSOUKRO



DJIBOUTI
DJIBOUTI



EGITO
CAIRO



ERITREIA
ASMARA



ETIÓPIA
ADIS-ABEBA



GABÃO
LIBREVILLE



GÂMBIA
BANJUL



GHANA
ACRA



GUINÉ
CONACRI



GUINÉ-BISSAU
BISSAU



GUINÉ EQUATORIAL
MALABO



LESOTO
MASERU



LIBÉRIA
MONRÓVIA



LÍBIA
TRÍPOLI



MADAGASCAR
ANTANANARIVO



MALAWI
LILONGWE



MALI
BAMAKO



MARRCOS
RABAT



MAURITÂNIA
NOUAKCHOTT



ILHAS MAURÍCIO
PORT LOUIS



MOÇAMBIQUE
MAPUTO



NAMÍBIA
WINDHOEK



NIGER
NIAMEI



NIGÉRIA
ABUJA



QUÊNIA
NAIROBI



REP. CENTRO-
AFRICANA
BANGUI



REP. DEMOCRÁTICA DO CONGO
KINSHASA



RUANDA
KIGALI



SAARA OCIDENTAL
EL AAIÚN



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
SÃO TOMÉ



SENEGAL
DAKAR



SERRA LEOA
FREETOWN



SEYCHELLES
VICTORIA



SOMÁLIA
MOGADÍSCIO



SUAZILÂNDIA
MBABANE



SUDÃO
CARTUM



TANZÂNIA
DODOMA



TOGO
LOMÉ



TUNÍSIA
TÚNIS



UGANDA
KAMPALA



ZÂMBIA
LUSAKA

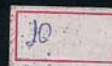


ZIMBABWE
HARARE

ISBN 978-85-61191-02-3



9 788561 191023





Maria do Carmo Ferreira da Costa é mineira de Belo Horizonte. Nasceu e sempre viveu nessa cidade, mas sempre buscou o além-montanhas, imaginando outros mundos, outras idéias e possibilidades. Madu Costa, como é conhecida artisticamente, é contadora de histórias, professora e gosta de escrever para crianças. É mãe de Karina, Fernanda e Victor, e avó de Yan e Bruna. Todos a inspiram na criação de suas histórias e de seus personagens. Madu acredita que, por meio da leitura, pode-se mudar o mundo, por isso ela continua lendo e escrevendo em prosa e versos. Escrever histórias na temática étnico-racial foi um prazer muito grande, já que a autora tem no sangue e na pele muitas experiências de ser negra. Koumba, Dandara, Luana e Mariana são todos os meninos e meninas negras do mundo. Eles dançam, sonham, brincam e resistem o tempo todo para continuarem sendo eles mesmos.



Rubem Filho era um menino negro que vivia desenhando - como todas as crianças, aliás. Continuou a desenhar, mesmo depois de crescido. Formou-se em Belas Artes e se especializou em gravura. Além de ilustrar livros para crianças, também faz projeto gráfico e capas de livros para gente grande. Tem muito orgulho de sua cor, e se sente feliz em ajudar as crianças negras a se orgulharem também. Trabalha e vive em Belo Horizonte, com Daniela, duas gatinhas (uma preta-e-branca e outra malhada) e um monte de miniaturas.



Meninas Negras

Madu Costa



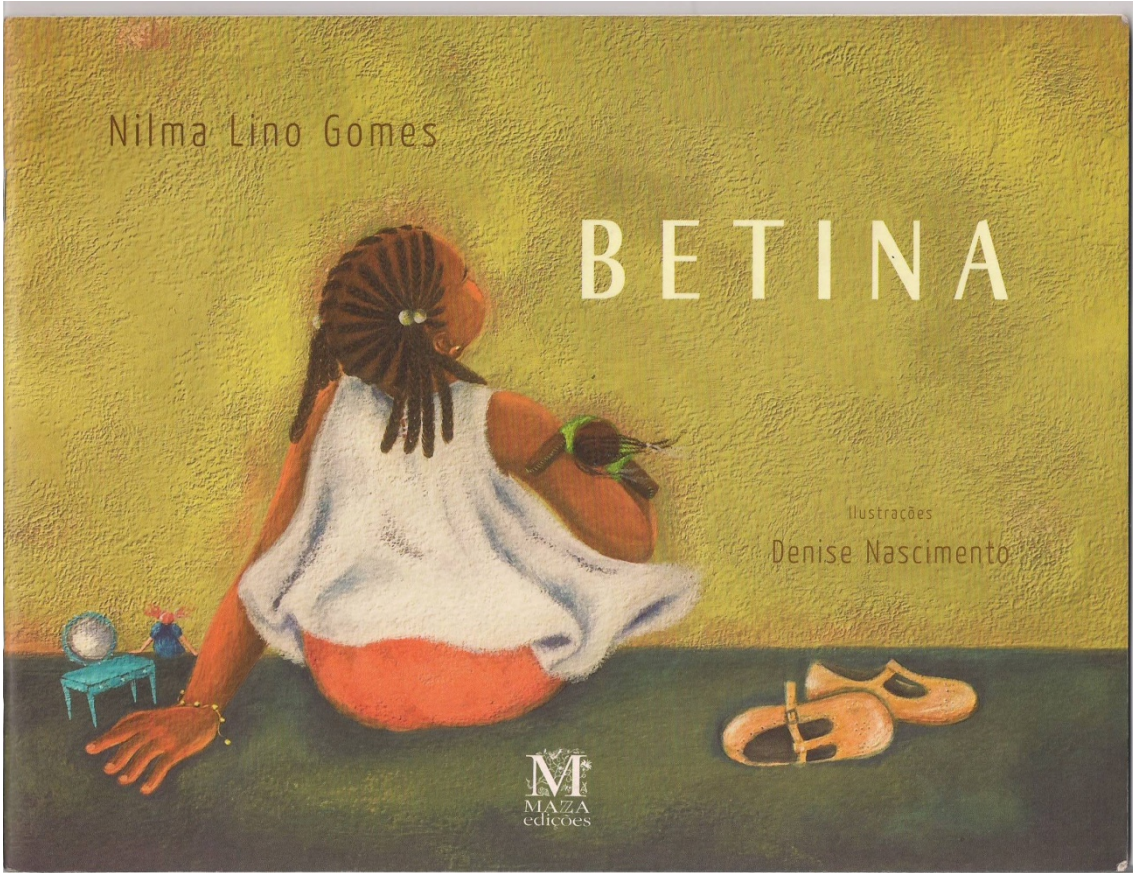
Desenhos de Rubem Filho



Nilma Lino Gomes

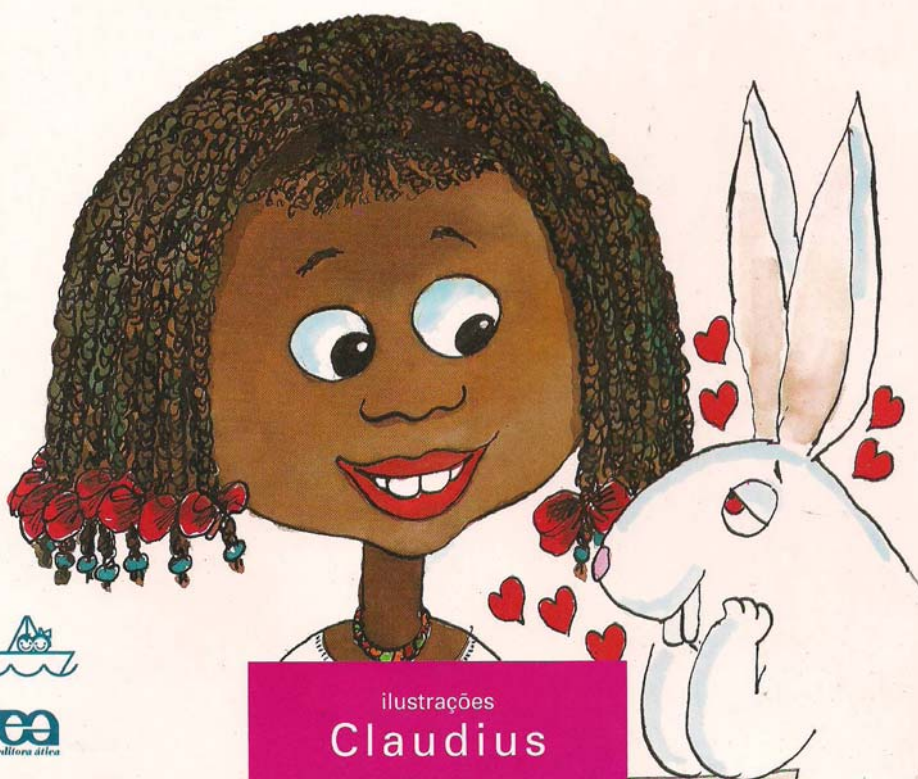
BETINA

Ilustrações
Denise Nascimento



Ana Maria
Machado

Menina bonita do laço de fita



ea
editora ática

ilustrações
Claudius

Apêndice 5 – Convite do Seminário “A História do Negro”



Sorriso Negro

(Dona Ivone Lara)

*Um Sorriso negro, um abraço negro
Traz.... felicidade
Negro sem emprego, fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
...Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro e silêncio, é luto
negro é... a solução
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade... (um sorriso negro!)*

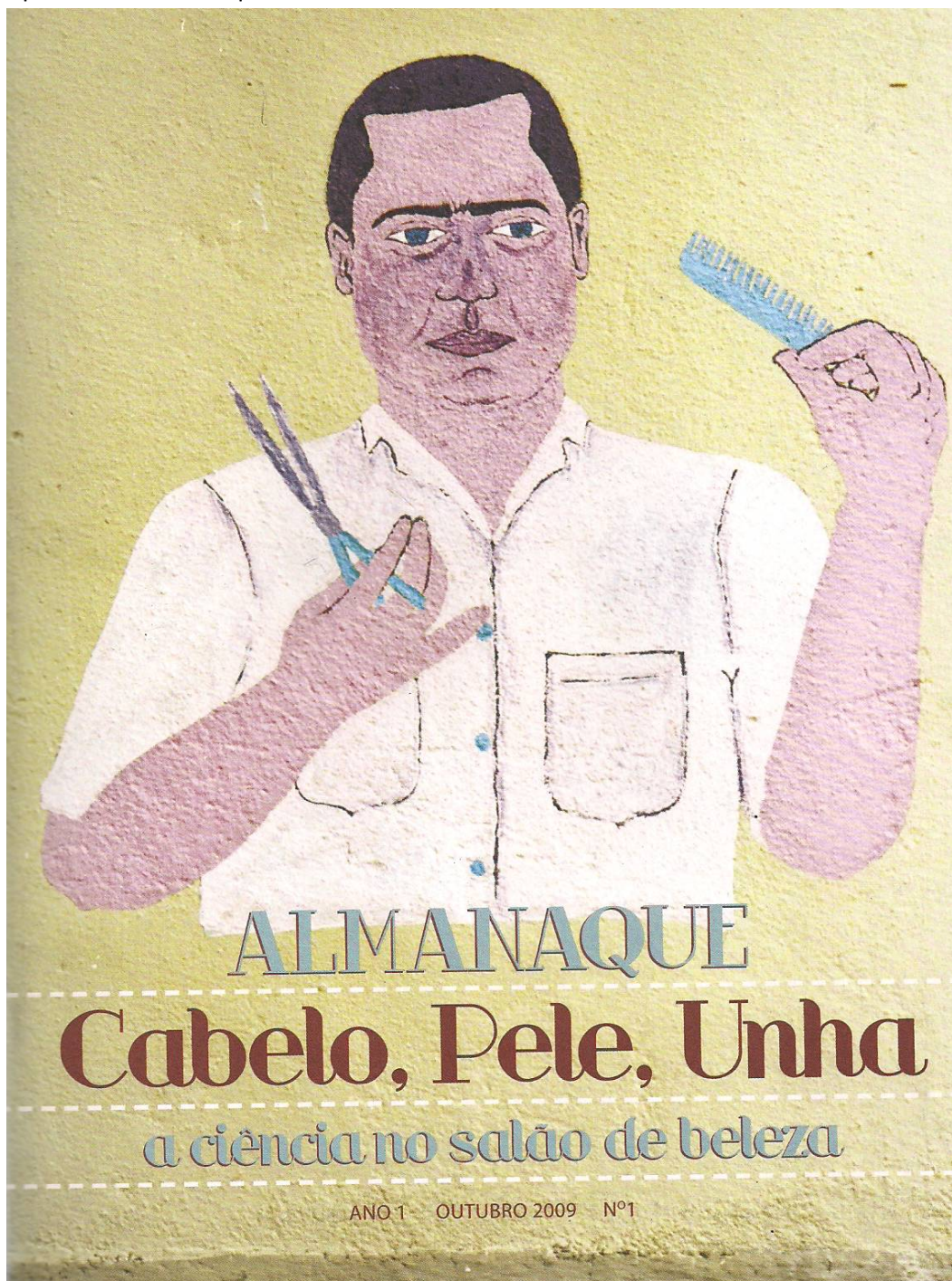
VENHA PARTICIPAR DO SEMINÁRIO SOBRE ETNIA - " A HISTÓRIA DA RAÇA NEGRA", ONDE TEREMOS

- * APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS DA PROFESSORA LISA;
- * PALESTRAS COM PROFESSORES DA UFMG;
- * DANÇA AFRO COM GRUPO DE DANÇA ARTE PONTO COM;
- * CAPOEIRA COM O GRUPO ARTE PONTO COM;
- * CONTAÇÃO DE HISTÓRIA;
- * SORTEIO PARA PENTEADO (TRANÇA) AFRO;
- * SORTEIO PARA DECORAÇÃO DE UNHA;

DIA: 11/09 (SÁBADO)

LOCAL: UMEI MARIQUINHAS - (RUA ACALIFA , 209 - JULIANA)

HORÁRIO: 13:00



Introdução

Com a intenção de divulgar a ciência e apresentar um material educativo sobre o corpo humano, com pé e cabeça, surgiu a idéia de montar um salão de beleza e lançar um almanaque durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Em dois meses mergulhamos até a raiz do cabelo para realizar o projeto e escrever este primeiro fascículo.

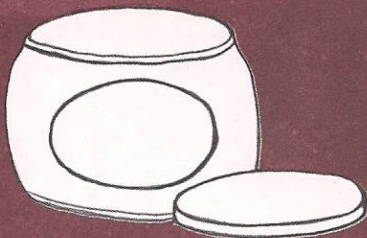
O trabalho começou com uma sondagem sobre cabelo, pele e unha entre os estudantes do I e II ano do ensino Médio do Colégio Estadual Milton Campos e do Instituto de Educação. Eles escreveram o que desejavam saber e manifestaram, através de desenhos, suas fisionomias no passado, no presente e de como seriam no futuro. Cerca de 400 estudantes anotaram várias perguntas que, agrupadas, deram origem a 82 questões. Recebemos em torno de 100 desenhos nos quais cabelo e unha ocuparam a cena, porém muitos não definiram os traços do rosto nem da mão.

Almanaque, além de responder a algumas perguntas, focaliza os aspectos sociais, étnicos, lúdicos e culturais relacionados ao tema. Dessa forma, ele traduz uma dimensão humana na compreensão do corpo, através de músicas, brincadeiras, histórias, textos e informações, ou seja, prioriza uma abordagem que ultrapassa o livro didático e os manuais de beleza.

A continuidade deste trabalho e a publicação de outros fascículos, para atender a demanda dos jovens e servir de orientação para a população, só será possível com o apoio de patrocinadores comprometidos com a educação e a saúde.

O Almanaque pretende fazer a cabeça e contribuir para transformar a prática pedagógica num exercício de aprendizagem prazeroso que possibilite aos estudantes e professores a compreensão do corpo por inteiro. A ciência no salão de beleza é uma oportunidade para sentirmos na própria pele a importância da educação.

Com a beleza de várias mãos



Mônica Meyer e equipe
Coordenadora do projeto A ciência no salão de beleza
Belo Horizonte, outubro de 2009

Apêndice 7 - Bonecas Negras

